

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara/SP
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa

MARCELO AUGUSTO JUNQUEIRA DE OLIVEIRA

**DIALETOS EM CONTATO: ACOMODAÇÃO
DIALETAL POR MIGRANTES BAIANOS HABITANTES
DA CIDADE DE BAURU, SÃO PAULO**



ARARAQUARA - S.P.
2020

MARCELO AUGUSTO JUNQUEIRA DE OLIVEIRA

**DIALETOS EM CONTATO: ACOMODAÇÃO
DIALETAL POR MIGRANTES BAIANOS HABITANTES
DA CIDADE DE BAURU, SÃO PAULO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP/Universidade Estadual Paulista – como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa: Análise Fonológica,
Morfofossintática, Semântica e Pragmática**

**Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade
Berlinck**

ARARAQUARA - S.P.

2020

Oliveira, Marcelo Augusto Junqueira de
Dialeto em contato: acomodação dialetal por
migrantes baianos habitantes da cidade de Bauru, São
Paulo / Marcelo Augusto Junqueira de Oliveira – 2020
88 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Dialeto em contato. 2. Acomodação dialetal. 3.
/r/ em coda. 4. Migrantes baianos. 5. Bauru. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARCELO AUGUSTO JUNQUEIRA DE OLIVEIRA

DIALETOS EM CONTATO: ACOMODAÇÃO DIALETAL
POR MIGRANTES BAIANOS HABITANTES DA CIDADE DE
BAURU, SÃO PAULO

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Data da Defesa: 28/05/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP/FCLAr - Presidente e Orientadora

Membro Titular: Profa. Dra. Livia Oushiro
UNICAMP

Membro Titular: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
UFSCar

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado a oportunidade de fazer uma pesquisa tão especial para mim; foi a realização de um sonho. Sem a força que Ele me deu, isto não seria possível.

Aos meus pais, Celina e Marcos, por acreditarem em mim, por me darem carinho e amor, por não me deixarem desistir e, acima de tudo, pelos valores morais que me proporcionaram, sempre me mostrando que, às vezes, o melhor para nós nem sempre é o que queremos. Obrigado por me mostrarem o que é certo e justo. Vocês são o meu exemplo e o meu orgulho.

Ao amor da minha vida, Anderson, que esteve ao meu lado desde a concepção, um tanto ousada, de fazer esta pesquisa. Sua determinação e paciência foram fundamentais para a concretização desta etapa. Agradeço por sonhar uma vida comigo e por partilhar seus desejos e planos. Sem seu olhar compreensivo, eu jamais teria chegado tão longe. Sua presença é o que me faz ir adiante. Você me faz forte.

Às minhas irmãs, Amanda e Nathalia, por me ensinarem o que é ser responsável e companheiro. Desde pequeno, vocês sempre foram minha maior preocupação. Obrigado por estarem por perto no momento mais importante da minha vida e por me ajudarem e me apoiarem perante toda a família.

Aos meus avós maternos, Ester e Santinho, pela confiança que sempre depositaram em mim e na minha capacidade. Vó, te agradeço em especial por ser o anjo da minha vida; espero que nunca se esqueça disso.

Aos meus avós paternos, Carmélia (*in memoriam*) e Plínio, por me mostrarem que cada um sabe amar à sua forma e que isto nos torna mais humanos. À minha tia Regina, obrigado pela confiança e pelo apoio.

À minha melhor amiga, Elizabeth, a Preta, que me mostrou como levar a vida com um pouco mais de leveza. Você é um alívio dentro do caos. A melhor ouvinte que alguém poderia desejar.

A todos os membros da minha família e meus amigos, que torceram por mim, que me desejaram o melhor e que me compreenderam nos momentos difíceis.

A todos da Unesp que me ajudaram na concretização desta etapa. Quero agradecer em especial ao amigo Marcus Garcia de Sene, sua paixão pelo que faz, sua paciência e sua entrega na ajuda ao próximo me mostrou que os bons ainda são a maioria; gostaria de ter tanta didática e dedicação para ensinar alguma coisa do “R” quanto você.

Aos meus professores da Graduação, na extinta Universidade do Sagrado Coração (agora Unisagrado), em Bauru. Em especial às professoras Gesiane Branco Folkis e Valéria Biondo, por me mostrarem o que é ter paixão pelo ensino e pela pesquisa.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, que, sem me conhecer, me deu um voto de confiança e acreditou na proposta desta pesquisa. Obrigado pela paciência, no pouco tempo que lhe coube, no preparo deste trabalho, seu olhar cuidadoso não deixava passar um detalhe, me mostrando que tudo pode sempre ser melhorado. Sua sensatez é admirável.

À Profa. Livia Oushiro, pelo interesse por esta pesquisa e por todos os conselhos sobre Acomodação Dialetal, incluindo os comentários nas apresentações e a bibliografia compartilhada. Por em abrir os olhos para o que, até então, eu não podia ver sobre esse fenômeno que tanto nos interessa. Acredito que só estamos começando os estudos sobre Bauru.

À Profa. Caroline Carnielli Biazolli, pelas informações compartilhadas durante a disciplina de Linguística Histórica, por me mostrar que é possível ser um jovem gênio em Sociolinguística; obrigado pelos comentários durante a qualificação, em especial sobre o aporte teórico, isto, com certeza, me ajudou a deixar esta pesquisa mais expressiva.

Aos baianos que aceitaram de bom grado participar desta pesquisa. Os ensinamentos que cada um de vocês me passou serão levados em meu coração para sempre.

A todos os que me ajudaram direta ou indiretamente a realizar este sonho: o meu muito obrigado!

“Há uma grande diferença se fala um deus ou um herói; se um velho amadurecido ou um jovem impetuoso na flor da idade; se uma matrona autoritária ou uma ama dedicada; se um mercador errante ou um lavrador de pequeno campo fértil; se um colco ou um assírio; se um homem educado em Tebas ou em Argos.”

HORÁCIO, *Arte Poética*, p. 118-119,
1992.

RESUMO

Esta dissertação trata do processo de Acomodação Dialetal na fala de migrantes baianos que moram na cidade de Bauru, São Paulo. A variável linguística em foco foi a realização de (-r) em coda silábica: se retroflexa, como na realização de Bauru, ou aspirada, realização tipicamente dos falares da região Nordeste do Brasil (NASCENTES, 1953); os apagamentos não foram considerados nesta pesquisa. Como está inserido no campo da Sociolinguística, foi fundamental que o estudo fosse pautado nas reflexões sobre Variação de Mudança Linguísticas (LABOV, 2008[1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG 2006[1968]) e sobre a Teoria da Acomodação (GILES; TAYLOR; BOURHIS, 1973) e Acomodação Dialetal (TRUDGILL, 1986). Foram analisadas as falas de 12 migrantes, que passaram por entrevista sociolinguística em que constavam respostas a uma ficha social, respostas a perguntas sobre o processo de migração, leitura de um pequeno texto e leitura de lista de palavras. Após a extração, os dados foram rodados na plataforma R, que proveu dados estatísticos quanto às seguintes variáveis associadas a eles: *sexo/gênero, escolaridade, estilo da fala, idade do falante no momento da entrevista, idade do falante quando chegou a Bauru, há quanto tempo o falante está na cidade, contato com baianos, a atitude com relação à cidade, posição de (-r) na palavra e contextos fônicos precedente e seguinte*. As análises apresentaram que as variáveis *atitude, idade, escolaridade, estilo da fala, contato com baianos, tempo em Bauru, idade de chegada e contexto fônico seguinte* foram fatores determinantes no processo de acomodação dialetal, isto é, provocaram ou inibiram a realização da forma inovadora para esses migrantes: a variante retroflexa; já as variáveis *sexo/gênero, posição de (-r) na palavra e contexto fônico precedente* não se mostraram significativas para explicar esse processo.

Palavras-chave: Acomodação Dialetal. Contato Dialetal. “R” em coda silábica. Migrantes. Baianos. Bauru.

ABSTRACT

This thesis is about the process of Dialect Accommodation in the speech of “baianos” migrants who live in Bauru, São Paulo. The linguistic variable focused is coda (-r): if it is retroflex, as in Bauru, or aspirate, commonly produced in the dialect of the Northern regions of Brazil (NASCENTES, 1953); the erasing occurrences were not taken into account in this study. As this is embedded in the area of Sociolinguistics, it was essential that this study be based on the reflection on Linguistic Variation and Change (LABOV, 2008[1972], WEINREICH; LABOV; HERZOG 2006[1968]) and on Accommodation Theory (GILES; TAYLOR; BOURHIS, 1973) and on Dialect Accommodation (TRUDGILL, 1986). A total of 12 migrants were interviewed; they went through a sociolinguistic interview containing a fact sheet with personal and social information, questions and answers about the process of migration, reading of a short text and a list of words containing the variable focused. Soon after their extraction, the data were inserted into the Platform R, which provided us with statistic data on the following variables associated with them: *sex/gender, education, speech style, age of the migrant in the moment of the interview, age of the migrant when they arrived Bauru, for how long the migrant had lived in the city, contact with other ‘baianos’, their attitude towards the city, position of coda (-r) in the word, previous phonic context and following phonic context*. The analysis presented that the variables *attitude, age of the migrant, education, speech style, contact with ‘baianos’, for how long they had lived in Bauru and age of arrival* were determining factors on the process of dialect accommodation, that is, they have induced or inhibited the realization of the innovative form among these migrants: the retroflex; on the other hand, the variables *sex/gender, position of coda (-r) in the word, previous phonic contexts and following phonic context* did not appear to be significant to explain the process.

Keywords: Dialects Accommodation. Dialects in Contact. Coda “R”.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Panorama dos participantes da pesquisa.....	30
Tabela 2: o <i>corpus</i> da pesquisa.....	31
Tabela 3: Distribuição de (-r) em função do <i>contexto fônico seguinte</i>.....	54
Tabela 4: Panorama dos migrantes entrevistados com as ocorrências.....	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bauru no estado de São Paulo.....	26
Figura 2: Distribuição geral da realização de (-r) na comunidade de fala	36
Figura 3: Distribuição geral da realização de (-r) na comunidade de fala excluídos os dados da participante AS20	39
Figura 4: A realização de (-r) segundo o sexo/gênero sem AS20	40
Figura 5: A realização de (-r) segundo a escolaridade sem AS20.....	42
Figura 6: A realização de (-r) segundo o estilo contextual sem AS20	44
Figura 7: A realização de (-r) segundo o contato com baianos sem AS20	45
Figura 8: A realização de (-r) segundo a atitude sem AS20	47
Figura 9: A realização de (-r) segundo a idade do falante sem AS20.....	48
Figura 10: A realização de (-r) segundo o Tempo em Bauru do falante sem AS20	50
Figura 11: A realização de (-r) segundo a <i>Idade de Chegada a Bauru</i> do falante sem AS20.....	51
Figura 12: A realização de (-r) segundo a posição de (-r) na palavra sem AS20	52
Figura 13: A realização de (-r) segundo o Contexto Precedente a (-r) sem AS20.....	53
Figura 14: A realização de (-r) segundo o Contexto Seguinte a (-r) sem AS20	54
Figura 15: Modelo arbóreo da relevância das variáveis independentes	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	15
1.1 Variação e mudança linguísticas	15
1.1.1 Teoria da Variação e da Mudança Linguísticas: conceitos básicos	16
1.2 A Teoria da Acomodação e Acomodação Dialetal	18
1.3 O sistema consonantal de /R/ no Português Brasileiro	23
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
2.1 Construção da amostra	29
2.2 Variável dependente	31
2.3 Variáveis independentes e categorias de análise	32
2.4 Critérios de exclusão	35
3 ANÁLISE DOS DADOS	36
3.1 A variável independente <i>Sexo/Gênero</i> no processo de Acomodação Dialetal	40
3.2 A variável independente <i>Escolaridade</i> no processo de Acomodação Dialetal	41
3.3 A variável independente <i>Estilo contextual</i> no processo de Acomodação Dialetal	43
3.4 A variável independente <i>Contato com Baianos</i> no processo de Acomodação Dialetal	45
3.5 A variável independente <i>Atitude</i> no processo de Acomodação Dialetal	46
3.6 A variável independente <i>Idade</i> no processo de Acomodação Dialetal	47
3.7 A variável independente <i>Tempo em Bauru</i> no processo de Acomodação Dialetal	49
3.8 A variável independente <i>Idade de Chegada em Bauru</i> no processo de Acomodação Dialetal	50
3.9 A variável independente <i>Posição de (-r)</i> na palavra no processo de Acomodação Dialetal em Bauru	52
3.10 A variável independente <i>Contexto Fônico Precedente a (-r)</i> no processo de Acomodação Dialetal em Bauru	52
3.11 A variável independente <i>Contexto Fônico Seguinte a (-r)</i> no processo de Acomodação Dialetal em Bauru	53
3.12 Modelo arbóreo da significância das variáveis independentes sobre a variável dependente	55
3.13 Panorama dos participantes	56
3.13.1 Falante TM20	57
3.13.2 Falante WM11	58
3.13.3 Falante MS4	60
3.13.4 Falante JS4	61
3.13.5 Falante MS20	62
3.13.6 Falante WM1	63
3.13.7 Falante AS20	65

3.13.8 Falante LS17	67
3.7.9 Falante HM24.....	69
3.7.10 Falante WM3.....	70
3.7.11 Falante GM21.....	71
3.7.12 Falante KS1	73
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	80
ANEXOS	84

INTRODUÇÃO

Um dos interesses da Sociolinguística, campo no qual este trabalho está inserido, é compreender os processos de variação e a mudança linguística. É dado como certo para os variacionistas que todas as línguas variam e mudam. Especificamente no Brasil, por conta das proporções continentais de nosso território, a unidade linguística seria praticamente impossível.

A partir disso, o presente trabalho tem por objetivo contribuir para os estudos sociolinguísticos e dialetológicos brasileiros ao descrever o comportamento linguístico de indivíduos em situação de contato e a acomodação dialetal por que passam os migrantes baianos em Bauru, interior de São Paulo. Este estudo está apoiado na *Teoria da Variação e Mudança Linguísticas* (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), a fim de compreender o comportamento linguístico desse ser móvel que é o migrante. Esta análise é feita com foco em uma variável sociolinguística: a realização de (-r) em coda silábica, como em *porta, mar e verdade*.

A natureza variável de (-r) em coda silábica no território brasileiro é fato bastante atestado na literatura sociolinguística. Com os trabalhos de Oushiro e Mendes (2013), Callou (2015), Oushiro (2015), é possível depreender o caráter múltiplo dessa variável. É possível, ainda, concluir a saliência dessa variável nos falares do Brasil; os próprios entrevistados, quando perguntados como era a fala de um bauruense, respondiam com palavras que continham a variável em questão. É possível, assim, interpretar a percepção dos falantes sobre como fala um baiano e como fala um bauruense. Justifica-se, assim, essa escolha para melhor compreensão dos processos de assimilação que permeiam o dialeto dos migrantes baianos ao conviverem com formas linguísticas inovadoras, ou seja, que não pertencem ao seu repertório linguístico.

A escolha de variáveis fonéticas e não de outros fenômenos da língua (como as variáveis sintáticas ou morfológicas) se dá por conta da maior frequência dessas variáveis em oposição às outras, apresentando mais dados para análise. Outro fator interessante é que, como afirma Tarallo (1993), tais características seriam mais salientes do que as de qualquer outro tipo, isto é, estão acima do nível da consciência. Embora esta última justificativa possa ser facilmente debatida, sua menção foi apenas um complemento à justificativa principal.

Aqui se trabalha com a ideia de *dialeto*, referindo-se às diferenças geográficas e/ou sociais dos falares de uma determinada língua; o interesse deste trabalho recai sobre a ótica

geográfica da diferenciação dialetal, porque se estudam migrantes de um estado que foram viver em outro. Inclusive, aponta-se o fato de que os dois dialetos analisados têm dimensões diferentes: um é de uma cidade e o outro, de um estado inteiro.

A ideia que se adotou aqui como sendo dialeto baiano não é aleatória: a escolha da variável dependente (-r) em coda silábica se dá pela diferença na realização dos falares do Norte e do Sul, como bem apresentado por Nascentes (1953). A saliência desta variável já era esperada mesmo antes das entrevistas; logo após todos os migrantes serem entrevistados, percebeu-se a confirmação desta hipótese.

O contato dialetal ajuda a evidenciar, ainda que não exclusivamente, a diversidade linguística presente em nosso território uma vez que mostra que não existem falares imutáveis e fixos que não são passíveis de variação, uma vez que vivemos em comunidade formada por pessoas de diferentes lugares, que interagem entre si e essa interação provoca variação. Embora seja necessário acrescentar que não é necessário que um falante seja um ser móvel, como é o migrante, para que haja variação e mudança em sua língua.

Para a realização desta pesquisa sobre o falar de baianos em Bauru, procuramos responder às seguintes questões:

- Submetidos ao contato dialetal, qual é o comportamento linguístico do falante? Assimila o dialeto local ou não?
- Quais variáveis linguísticas, dentre elas sexo/gênero e escolaridade, que influenciam a acomodação dialetal do migrante baiano em Bauru, no que diz respeito à realização do (-r) em coda silábica?

Seguindo as reflexões de Giles, Taylor e Bourhis (1973), foi adotada como hipótese a ideia de que o tempo de estadia em Bauru associado ao sentimento de pertencimento à comunidade migrada são os fatores mais favoráveis à acomodação dialetal por esses migrantes. A hipótese para a manutenção do dialeto é uma questão mais complexa, pois questões identitárias devem ser levadas em consideração; nossos resultados mostraram que alguns falantes que moram em Bauru há bastante tempo ainda resistiram à acomodação dialetal de (-r) por se sentirem ainda muito orgulhosamente baianos.

A partir do exposto, foram realizadas 12 entrevistas com 12 migrantes baianos que morem em Bauru. Esses entrevistados foram postos em categorias de acordo com seus perfis: primeiro, levou-se em consideração o sexo/gênero – seis homens e seis mulheres; segundo,

dividiu-se o grupo de acordo com sua escolaridade: se até o Ensino Médio ou até o Ensino Superior. Por não haver participantes que tenham até o Ensino Fundamental, esta variante foi descartada. Todos os participantes passaram por entrevista sociolinguística composta por: conversa, leitura de texto e leitura de palavras. Os dados foram obtidos por meio de percepção oitiva das realizações de (-r) em coda silábica: se aspirado ou retroflexo.

Nessas entrevistas, muito foi discutido sobre o processo de migração do falante para chegar a Bauru, os preconceitos por que passaram, o que tiveram de mudar em sua rotina para se adaptar à cidade e muito mais. As respostas fornecem muito conteúdo para a compreensão desse processo de migração. Segundo afirma Marques (2006), a migração envolve vários aspectos, alguns deles até negativos, como o afastamento do lugar de origem, o desenraizamento cultural, a desestruturação identitária e religiosa etc.

Esses novos habitantes trazem consigo sua tradição: sua comida, seus costumes, sua visão de mundo e, também, sua maneira de falar. Em Bauru, por exemplo, muitos dos relatos obtidos nas entrevistas foram no sentido de que a vida no Nordeste tinha condições diferentes daquelas por que se passa em Bauru, por isso o sentimento e a esperança de melhorias fizeram com que quisessem deixar sua terra.

Por conta do que já expusemos, deixamos clara a nossa intenção de levar em consideração, também, os enunciados dos entrevistados; suas histórias falam muito sobre como se enxergam no mundo, o que pode eventualmente refletir em suas realizações linguísticas.

Outra questão de grande importância para a entrevista foi a relação que o migrante tinha com a cidade de Bauru, se positiva ou negativa, os motivos pessoais que os levaram à cidade e o que há de diferente entre as duas regiões.

Esta dissertação conta com 4 seções: os fundamentos teóricos, os procedimentos metodológicos, a análise dos dados e as considerações finais. Na seção 1, é apresentada a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, seus conceitos básicos, o sistema vocálico de /R/ no Português Brasileiro, bem como a Teoria da Acomodação e o conceito de Acomodação Dialeto. Na seção 2, mostramos as variáveis dependente e independentes desta pesquisa, a construção da amostra, as categorias de análise e os critérios de exclusão. Na seção 3, é apresentada a análise dos dados obtidos em função de cada variável independente; é apresentado também um panorama dos falantes e excertos de suas entrevistas. Por fim, na seção 4, as considerações finais sobre os resultados obtidos com essas análises.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Variação e mudança linguísticas

Esta pesquisa se insere na proposta teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (TVM), apresentada por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e Labov (1994, 2001, 2003, 2008[1972]). Essa teoria propõe um olhar sistemático para a variação linguística, levando em conta aspectos sociais e estruturais na diversidade das línguas. O fundamento por trás dessa teoria é o da inevitabilidade da variação e da mudança quando se pensa em interação linguística, isto é, ao interagirem entre si, os falantes da língua a expõem à variação e à mudança – o que não são a mesma coisa – o que provoca a inferência de que é, na prática, impossível que uma língua se mantenha estática e imutável, visto que seus falantes estão em constante mudança. Desse modo, por não haver modo de estudar a língua sem levar em consideração os aspectos sociais que a circundam, o Labov (2008) evitou por um certo tempo o termo *sociolinguística*, por considerá-lo redundante.

Como estudaram-se os fenômenos linguísticos à luz da teoria laboviana, faz-se necessário elucidar o conceito de *comunidade de fala*, uma vez que os falantes sempre estão inseridos em uma comunidade e compartilham de características linguísticas semelhantes. A esse respeito, cabe ressaltar que “[...] uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008[1972], p. 188). A comunidade de fala sobre a qual nos debruçamos é a de baianos que moram em Bauru; buscamos compreender o processo de acomodação dialetal por que passam no tocante à realização da rótica em posição final de sílaba, uma vez que compartilham na mesma realização de (-r) em coda em oposição a Bauru – realizam-na de forma aspirada.

Sendo assim, não há como estudarmos os fenômenos linguísticos desta determinada comunidade de fala sem levar em consideração a realidade social que a cerca; neste caso de migrantes baianos em Bauru, escolhemos levar em conta o tempo de chegada na cidade, com quantos anos o migrante migrou, se é homem ou mulher, a idade no momento da entrevista, se tem vontade de ficar ou de ir embora da cidade, se se sente como um bauruense entre outros aspectos.

Durante a entrevista sociolinguística, levantaram-se todos esses aspectos para que se pudesse começar os estudos à luz da Sociolinguística Laboviana, levando em conta ainda o

estilo contextual, que, somado a cada uma das características acima mencionadas, pode criar diferentes condições para a variação. Propusemos três contextos que apresentaram diferentes resultados entre si: a entrevista sociolinguística propriamente dita, a leitura de um texto e a leitura de uma lista de palavras, seguindo as estratégias inicialmente propostas por Labov (2008[1972]). Labov (2008) aborda os estilos de fala que podem ocorrer em cada contexto: pode haver variação a depender do grau de monitoração do contexto, sendo assim, contexto mais monitorados como a leitura de palavras podem apresentar variação quando comparados a contextos menos monitorados, como a situação da entrevista.

Para melhor compreendermos o comportamento linguístico desse fenômeno, existem conceitos básicos à Teoria da Variação e da Mudança Linguísticas que devem ser esclarecidos e articulados com esta pesquisa.

1.1.1 Teoria da Variação e da Mudança Linguísticas: conceitos básicos

Como indicado na subseção anterior, apresentamos a seguir conceitos que são essenciais para uma compreensão mais detalhada dos fenômenos que podem ocorrer na língua e para a compreensão de nosso objeto de estudo. São eles *variação*, *variável*, *variantes*, *variedade*, *indicadores* e *marcadores linguísticos* e *estereótipos*.

A *variação* é o fenômeno pelo qual as línguas naturais passam em que duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial. Como a Teoria Laboviana já defende, ela é inerente ao sistema linguístico e não compromete a comunicação entre os falantes. Como exemplo, temos a variação do (-r) em coda silábica no Português Brasileiro (também referido como PB) a depender da região de onde vem o falante. Embora o exemplo tenha sido no campo da fonética, pode haver variação em todos os níveis da língua – fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático.

Por *variável*, entende-se o lugar na gramática em ocorre variação. No caso do exemplo da variação de (-r) no PB, a variável é “(-r) em coda silábica”, ou seja, é o lugar da gramática onde ocorre o fenômeno da variação.

As *variantes* são as formas que disputam pela expressão variável, isto é, as opções que concorrem entre si e que apresentam o mesmo valor referencial. No exemplo da variável (-r) em coda silábica, analisamos duas variantes: a aspirada e a retroflexa, mas pode haver outras como o tepe, a velar, a glotal entre outras.

A *variedade* é a fala característica de determinado grupo, seja social ou geográfico. Se pensarmos em critérios geográficos do PB, podemos caracterizar o falar gaúcho, o falar paulista, o falar mineiro ou o baiano. No campo social, pode haver variedades a depender da classe a que pertence o falante, o falar específico de uma profissão, o falar de gerações diferentes entre outros. Segundo Coelho et. al. (2015, p. 15:), “Na Sociolinguística Variacionista, *dialeto* e *falar* são sinônimos de *variedade*”. Aqui neste trabalho, seguiu-se a mesma linha de pensamento, não fazendo distinção entre os termos.

Existem, ainda, conceitos relacionados à avaliação social dos falantes. Esses conceitos foram devidamente postulados em Labov (2008[1972]), a saber: indicadores linguísticos, marcadores linguísticos e estereótipo. Cada um será apresentado abaixo:

Os *indicadores linguísticos* são traços que assinalam uma diversificação social, sem variação estilística e com pouco poder avaliativo, ou seja, são utilizados pelos indivíduos mais ou menos da mesma forma em todos os contextos, uma vez que não recaem avaliação sobre eles. Um bom exemplo de indicadores linguísticos seria a perda de (-r) em substantivos, como em *amô(r)*, *flô(r)*, *Salvado(r)*, presente em parte do território brasileiro, portanto servindo de distinção entre os falares.

Os *marcadores linguísticos*, por sua vez, apresentam uma distribuição social e estilística. Isto quer dizer que, ao contrário dos indicadores, os marcadores apresentam distinção na avaliação social, mostrando as variações que as variáveis sociais possam apresentar: as diferenças nas variedades de acordo com a classe social, o sexo, a idade, a origem entre outros. Aqui é que se mostra a forte estratificação social por meio da variação linguística, conforme citado por Romaine (1988). Nesta pesquisa, podemos apontar como marcador linguístico a própria variação na realização de (-r) em coda silábica em infinitivo de verbo, presente em todo o território brasileiro, não servindo, então, para distinguir falares. Esse fenômeno pode estar sujeito à variação estilística, uma vez que o contexto pode provocar a variação do (-r) em verbos, em uma palestra, por exemplo, pode ocorrer variação em maior grau do que em uma conversa espontânea. O estudo de (-r) em coda em fim de verbos foi estudado por Pinheiro (2014) e Callou, Moraes e Leite (1998) entre outros.

No momento em que os marcadores chegam ao nível da consciência social, eles são chamados de estereótipos. Segundo Labov (2008[1972]), por vezes, costumam ser identificados por uma frase característica. Aqui no Brasil, Monteiro (2000) dá o exemplo de “Rêcife, cidade dêcente”, referindo-se à abertura das vogais pretônicas, característica

particular dos falares do Nordeste brasileiro. Nascentes (1953) apresenta as grandes diferenças na produção linguística dos falares do Norte e do Sul do Brasil, em especial na realização de vogais e produção de (-r) em coda.

Concluímos que a TVM propõe um estudo sistematizado e empírico da variação e da mudança que ocorre na língua, assumindo-a como um sistema heterogêneo e cuja função além da comunicação abarca significados sociais da situação comunicativa, isto é, vai além do significado referencial.

Mostra-se assim o valor social que a variação carrega muito além de uma simples “escolha” de variantes: contém o repertório do falante, suas influências, seus desejos de aceitação/afirmação identitária. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão da acomodação dialetal.

1.2 A Teoria da Acomodação e Acomodação Dialetal

Quando falamos em *Teoria da Acomodação*, estamos nos referindo a uma área de estudo da Psicologia que foi desenvolvida por Howard Giles e seus colaboradores (1973) que discute o comportamento do falante quando quer ou não aprovação de seu interlocutor. Muitos linguistas adotaram o posicionamento de Giles e exploraram sua teoria em outras vertentes, como é o caso de Peter Trudgill (1986), que trouxe os estudos para os interesses da Linguística.

A teoria de Giles até então tentava explicar por que o falante mudava sua língua na presença de outros, ou seja, sua teoria está em busca de compreender o que está por trás do uso da língua. Com isso, Giles chegou à conclusão de que, se o falante busca aprovação do interlocutor, mudará a sua expressão linguística a fim de que essa convergência linguística favoreça a interação social. O contrário também é verdadeiro: se o falante não busca aprovação, deixa clara uma “divergência de sotaque”. À convergência linguística deu-se o nome de acomodação.

A *Teoria da Acomodação* não foi capaz de explicar o fenômeno da acomodação a longo prazo, porque não se interessava por esta questão: nos estudos de Giles e seus seguidores (1973), o escopo de suas pesquisas foi a acomodação no momento da fala e não com um olhar sistemático para o vernáculo do falante. O interesse nesse tipo de acomodação foi, então, submetido à análise dos linguistas, em especial Peter Trudgill, que mudou o foco da Teoria de Giles e aprofundou o objeto de estudo. O próprio Trudgill explica o motivo dessa

guinada na teoria que existia até então: em *Dialects in Contact* (1986) defende que a acomodação a longo prazo é de interesse da Linguística, não da Psicologia, e essa questão motivou a criação de um outro modelo teórico - a *Acomodação Dialetal*, com uma ótica voltada aos interesses linguísticos da acomodação.

Segundo a teoria proposta por Trudgill, a saliência das variáveis linguísticas provoca a acomodação dialetal em algumas variáveis. Sob essa ótica, por exemplo, um migrante baiano que mora em Bauru (SP) mais facilmente acomodaria seu falar às variáveis mais salientes para bauruenses, a fim de causar aproximação linguística com a comunidade. Isto, é claro, quando há acomodação dialetal, pois existem situações em que o migrante mantém as características de seu falar, quando não deseja ou não se identifica com a cidade, por exemplo. Segundo a Teoria, nesses casos a taxa de acomodação deveria ser menor do que aquele que se sente mais integrado à cidade.

Quando falamos em *Acomodação Dialetal*, é preciso que se tenha cuidado para não cairmos na falácia a que tais palavras podem levar: Trudgill (1986) chama a atenção para o fato de que *Acomodação* não é o mesmo que *Imitação*: uma é espontânea e a outra é provocada, a primeira é inconsciente, a segunda é carregada de marcadores e estereótipos. A hipótese de Trudgill é a de que a imitação traz à tona a saliência de alguns traços linguísticos e por meio deles é que se identificam quais são os traços mais característicos de uma determinada variedade. Por exemplo, um humorista ao contar uma piada sobre baianos adotará os traços linguísticos que são mais salientes dessa determinada variedade. A noção de saliência é, portanto, para Trudgill um primeiro passo para que se possa identificar os traços distintivos entre duas variedades.

De acordo com Nascentes (1953), um dos grandes traços distintivos entre as variedades brasileiras do Sul e do Norte é a realização de (-r) em coda silábica, justificando, assim, nossa posição em escolhê-la para analisar o comportamento da acomodação dialetal de migrantes baianos que moram em Bauru. No entanto, apontamos que, apesar de a saliência identificar os traços distintivos entre os dialetos (ou variedades), não contabilizamos entre nossos dados os casos em que se identifica um momento de imitação da fala de um bauruense por um baiano; por tratar-se de uma ocorrência provocada e não espontânea, não releva o vernáculo do falante, não sendo uma acomodação.

A teoria de Trudgill (1986) defende que, a longo prazo, o falante ao acomodar o seu modo de falar faz com que, inconscientemente ou conscientemente, esse processo se estabilize em seu vernáculo. As razões para a mudança são:

[...] falantes modificam sua pronúncia de variáveis linguísticas que são marcadores dentro da comunidade. Isto se explica porque a *saliência* associada a marcadores, antes de mais nada, de fato transforma variáveis em marcadores. Essa saliência é, por sua vez, devida a fatores como os que já apontamos - estigmatização, mudança linguística, distância fonética e contraste fonológico. (TRUDGILL, 1986, p. 11, tradução nossa, grifo do autor).¹

Retomamos aqui o termo *acomodação*, empregado se referindo ao fenômeno linguístico em que duas variedades de uma mesma língua, em momento de contato, mesclam-se e, por isso, provocam variação. Usamos esse termo *acomodação* para não nos deixarmos levar pela ideia de que o dialeto muda abruptamente e não mais tem traços do dialeto anterior: isto é falso; o termo *acomodação* sugere a plasticidade linguística por que a fala do migrante passa quando se vê frente a uma nova variedade linguística.

Giles, Taylor e Bourhis (1973) explicam por que a *acomodação* se dá:

Um indivíduo pode induzir uma avaliação mais positiva ao reduzir certas diferenças entre eles. O processo de acomodação da fala, obviamente, se apoia nesse princípio, e como tal pode ser um reflexo do desejo do indivíduo por aprovação social. (GILES, TAYLOR e BOURHIS, 1973, p. 179).²

Nesse momento, Giles e seus colaboradores diferenciam o comportamento do falante: se convergente, tendendo à acomodação, ou divergente, tendendo à manutenção. O que falta a essa teoria, porém, é uma ideia de acomodação a longo prazo, que só foi discutida por Trudgill (1986). Esses dois conceitos, *comportamento convergente* e *comportamento divergente*³, são essenciais para compreendermos os processos de acomodação.

O comportamento convergente é aquele em que a acomodação é favorecida, já o divergente é justamente o contrário, a manutenção é favorecida em detrimento da acomodação.

¹ Do original: [...] "speakers modify their pronunciation of linguistics variables that are markers within the community. This is because of the salience which attaches to markers indeed turns variables into markers in the first place. This salience is, in turn, due to factors such as those we have just outlined - to do with stigmatization, linguistic change, phonetic distance, and phonological contrast."

² Do original: An individual can induce to evaluate him more favorably by reducing certain dissimilarities between them. The process of speech accommodation of course operates on this principle and as such may be a reflection of an individual's desire for social approval.

³ Tradução nossa dos termos originais *convergent behaviour* e *divergent behaviour*.

A ótica da teoria de Trudgill (1986), acomodação de longo prazo⁴, visa ao estudo de situações em que o falante está imerso em um contexto geossocial diferente do seu de origem, por tempo consideravelmente longo, comparada à teoria de acomodação a curto prazo, que compreende o estudo de situações comunicativas curtas em que pode haver acomodação, inclusive, de ambos os participantes. Em *Dialect in Contact*, Trudgill (1986, p. 3) cita que para Giles e os psicólogos sociais o interesse recai sobre a teoria de acomodação a curto prazo, considerando aspectos que fugiam dos interesses dos linguistas. Estes já se interessavam na teoria a longo prazo, isto é, buscando responder a alguns questionamentos como: (i) apontar de que maneira a acomodação ocorre; (ii) em que medida essa acomodação é feita; (iii) e por que alguns falantes produzem mais acomodação do que outros.

A crítica de Trudgill (1986) à teoria de Giles e dos psicólogos sociais frente aos fenômenos linguísticos se dá por conta de seu caráter impressionístico, em que não há quantificação de dados. Trudgill propõe, assim, sua própria forma de analisar os dados, o que chamou de “análise linguística”. Como se fazia necessário um olhar mais exato e sistemático para o fenômeno da acomodação, a análise de Trudgill apresenta pontos como a quantificação exata do grau de acomodação, a observação de quais traços estão ou não se acomodando, o exame da uniformidade da acomodação e, por fim, até que ponto é possível a acomodação, isto é, se uma variedade pode ser completamente suplantada por outra.

A este trabalho nos interessa o olhar a longo prazo da acomodação dialetal, visto que analisamos migrantes que já estejam em contato com o dialeto bauruense há algum tempo. A acomodação a curto prazo, além de não dar conta da ótica essencialmente linguística da questão, vê a acomodação imediata, na situação comunicativa, não tratando da mudança que pode ocorrer no vernáculo do falante.

O campo da acomodação dialetal ainda é bem pouco explorado nos estudos linguísticos especialmente no Brasil. Apesar disso, podemos citar alguns trabalhos que se debruçaram sobre a análise de como o dialeto de migrante pode se modificar com o passar do tempo e associado a algumas variáveis extralinguísticas. Bons exemplos desses estudos são Oushiro (2020), Souza (2019) e Santana (2018), que tratam de diversas variáveis linguísticas em situação de contato dialetal. Abaixo, discorre-se brevemente sobre esses trabalhos.

⁴ Dos originais: *long-term accomodation* (acomodação de longo prazo) e *short-term accomodation* (acomodação de curto prazo).

Oushiro (2020) apresenta uma análise contrastante entre a *idade de chegada* e o *tempo de residência* no Contato Dialetal. O corpus é formado por migrantes nordestinos que moram na cidade de Campinas, interior de São Paulo, e as variáveis estudadas foram: (-r) em coda – como em *porta*; (ii) /t, d/ diante de [i] – como em *tia* e *dia*; (iii) negação – como em *não vi* vs *não vi não/vi não*; e concordância nominal – como em *os meninos* vs *os menino*. Os resultados apontaram para uma correlação da idade de chegada somente com as variáveis fonéticas, já o tempo de residência se correlacionava somente com o (-r) em coda.

O trabalho de Souza (2019) se debruça sobre uma variável do campo da sintaxe: o uso variável do imperativo por migrantes baianos em São Paulo. Em sua pesquisa, Souza apresenta as variantes paulista para o imperativo – espelhada no modo indicativo – e a variante baiana no mesmo contexto – espelhada no subjuntivo: “Traz o carro!” vs. “Traga o carro!”. De acordo com os dados do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), a predominância da forma subjuntiva em Salvador é de 77%, enquanto que em São Paulo, a forma indicativa apresenta ocorrência de 86% nos dados. A hipótese desta pesquisa é a de que os migrantes baianos em São Paulo aumentariam o uso da forma inovadora, evidenciada pelo resultado de que esse fato ocorre “entre os menos escolarizados; os que migraram quando adultos; os que estão em São Paulo há menos tempo; em contexto de relações interpessoais assimétricas; em situação de ordem e pedidos (em contraste a conselhos e instruções); em contextos imediatos; e sem sentenças afirmativas” (SOUZA, 2019, p. 1433).

Com um corpus formado por 27 entrevistas sociolinguísticas, Santana (2018) estuda a fala de migrantes sergipanos em São Paulo e em sua região metropolitana, com o objetivo de verificar as taxas de acomodação (TRUDGILL, 1986) ao falar paulista. As variáveis em questão foram as vogais médias pretônicas (como em “*negócio*” e “*coragem*”), tratando-as como uma variável numérica. O corpus desta pesquisa foi composto por duas redes sociais distintas, sendo uma mais fechada (baixa mobilidade geográfica entre os membros) e a outra mais aberta (os membros têm maior contato com paulistanos). A hipótese central é a de que os sujeitos que tenham maior contato com paulistanos têm maior taxa de realização da variante paulista – fechada – quanto às médias pretônicas, isto é, a taxa de acomodação estaria diretamente ligada à configuração da rede social em que está inserido o falante. O resultado das análises apontou que a hipótese central não se confirma, mostrando que a rede social a que pertencia o falante não foi um fator determinante nas taxas de acomodação. Tampouco o resultado mostrou haver correlação entre o vínculo do migrante com Sergipe e seu grau de

acomodação, levando a pesquisadora a crer que, “em pesquisas sobre acomodação dialetal, é importante voltar-se para a análise do indivíduo e para suas posturas” (SANTANA, 2018).

1.3 O sistema consonantal de /R/ no Português Brasileiro

As diferenças dialetais do Português do Brasil, doravante PB, são bem percebidas quando se fala com um baiano, depois com um gaúcho, depois com um paulista: embora todos falem o PB, as características próprias de cada falar são expressões da formação identitária de comunidades. Embora existam muitas realizações linguísticas diferentes no Brasil, o interessante é que as variedades brasileiras são inteligíveis entre si, como afirmam Tarallo & Alkmin: “[...] a área geográfica brasileira é composta de uma multiplicidade de dialetos, mutuamente inteligíveis.” (TARALLO & ALKMIN, 1987, p. 11).

Pensando nessas diversas variedades do PB, as consoantes róticas apresentam uma grande distinção geográfica quanto à origem do falante. Callou, Moraes e Leite (1998) apontam que a realização de (-r) em coda apresenta, no território brasileiro, elevado grau de polimorfismo devido ao grande espaço articulatório existente para as possíveis realizações. Indo mais além, os autores discutem que a realização de (-r) é a mais diversificada no território brasileiro, tornando-a única e especialmente profícua quando falamos em consoantes do PB. De acordo com os autores, no território brasileiro existem as seguintes possíveis realizações de (-r) em coda silábica, todos os exemplos foram dados no mesmo contexto:

- (1) a vibrante apical múltipla;
- (2) a vibrante uvular;
- (3) a fricativa velar;
- (4) a fricativa faríngea (aspirada);
- (5) a vibrante apical simples;
- (6) a aproximante retroflexa;
- (7) e o zero fonético (queda).

Nesse estudo, foram analisadas 4334 ocorrências de (-r) oriundas do NURC, em que houve pesquisas sociolinguísticas em várias regiões do País: em Salvador, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e em Recife. Os falantes foram, então, divididos por lugar de origem, gênero e faixa etária. Os resultados obtidos, embora parciais, apontam para uma diferenciação dialetal no território brasileiro causada por fatores condicionantes, tais como:

posição de (-r) no vocábulo, a vogal antecedente, classe gramatical, região, gênero e origem. Algumas dessas variáveis sociolinguísticas foram implementadas no estudo de acomodação dialetal por baianos que moram em Bauru, a fim de estudarmos e analisarmos quais delas corroboram ou inibem o processo.

São interessantes definições de Nascentes (1953) sobre as isoglossas no território brasileiro, em especial com relação à realização das vogais médias pretônicas e as róticas, e por isso, são fundamentais para este trabalho. Como este se trata de um trabalho sobre (-r) em coda, as variantes de rótica aqui analisadas são duas: os bauruenses tendem a realizá-la na variante retroflexa, enquanto os baianos, na aspirada. Embora ainda exista a possibilidade de apagamento de (-r), este trabalho focaliza somente a polaridade retroflexa *vs* aspirada. As realizações são bem distintas: de acordo com Oushiro (2018), existe uma oposição entre [+anterior] e [+posterior], respectivamente. Essa distância fonética permitiu que as análises do presente estudo fossem feitas por meio de oitiva das entrevistas sociolinguísticas, uma vez que a diferença acentuada dos traços fonéticos ajuda e assegura a percepção correta da realização de cada variante.

Para uma melhor descrição do fenômeno com o qual estamos lidando, citamos o estudo de Oushiro e Mendes (2013) em que apresentam uma análise multivariada da pronúncia de (-r) em coda silábica na cidade de São Paulo. As variantes em questão são o tepe e o retroflexo em um *corpus* composto por 102 entrevistas sociolinguísticas. Nesse estudo, os autores obtiveram resultados que apontavam para o favorecimento da variante retroflexa em contextos em que (-r) era precedido de vogal [-alta], seguido de consoante [coronal], em verbos, em sílabas tônicas e em fim de palavras. Por outro lado, socialmente, descobriu-se que quem favorecia o retroflexo eram os moradores de regiões mais periféricas, com pouca mobilidade social, menos escolarizados, do sexo masculino e, ainda, pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade de São Paulo. Buscaremos analisar também em qual contexto linguístico houve mais acomodação dialetal para que compreendamos se, neste caso, são fatores condicionantes para que o processo ocorra ou não.

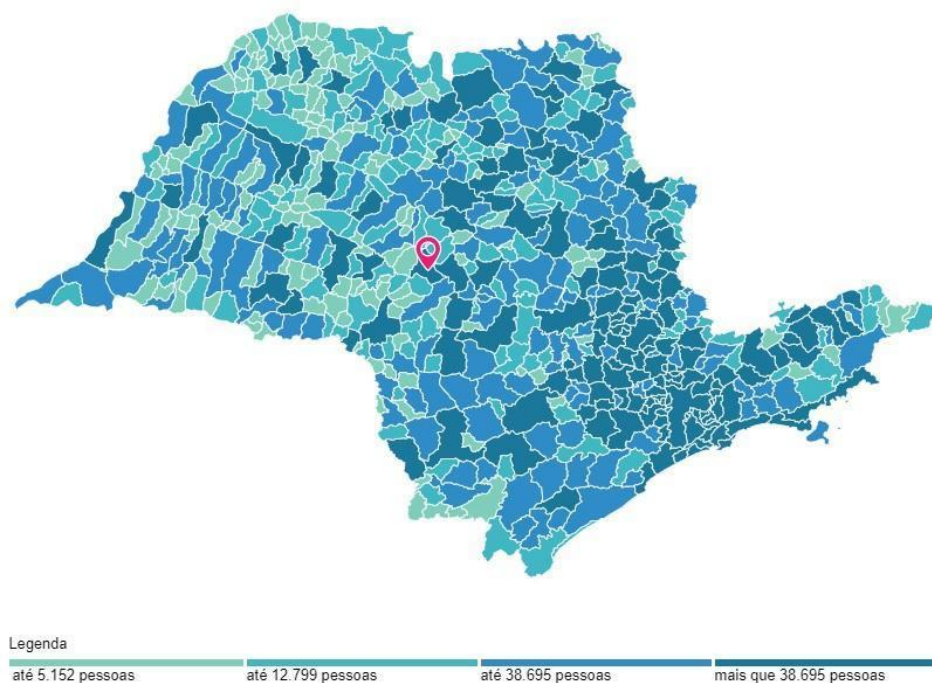
Gregio (2012) também traz um estudo relevante sobre as realizações das róticas em coda silábica e sua relação com a origem do falante. As variantes que analisou foram tepes/flapes, vibrantes, aproximantes ou fricativas. Por meio de medição acústica do dado, foram analisadas as produções de indivíduos nascidos em diversas regiões do Brasil, ao pronunciarem seis palavras contendo o som estudado e os resultados revelaram “pistas”

acústicas características das variantes, que foram: fricativas (na Região Nordeste, de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Santos), tepes (em Porto Alegre) e aproximantes (na capital de São Paulo e nas cidades do interior). Como nossas duas variantes são distintas foneticamente, não houve necessidade de as analisarmos pelo ponto de vista da fonética acústica; como já foi mencionado a diferenciação da realização de (-r) na fala de baianos foi feita por oitiva.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de compreender melhor o universo desta pesquisa cujo objetivo é analisar a acomodação dialetal em (-r) em coda por migrantes baianos na cidade de Bauru, interior de São Paulo, apresentamos algumas características sobre a cidade. Segundo o último censo feito pelo IBGE, a cidade de Bauru contava, em 2010, com aproximadamente 350 mil habitantes, com alta densidade demográfica. Localizada no centro do estado de São Paulo no encontro de duas linhas ferroviárias que, no século passado, foram de vital importância para o País, a região se urbanizou de forma acelerada. De acordo com o jornalista e estudioso da cidade Jehovah Oliveira (1965), é no início da década de 1960 que a cidade ganha seu primeiro Parque Industrial. A partir daí, a cidade começou a fazer parte do fluxo migratório de migrantes.

Figura 1: Bauru no estado de São Paulo



Fonte: IBGE

Em comparação a outras cidades do estado de São Paulo, percebe-se que Bauru está em destaque no quesito população, ou seja, é uma das cidades mais populosas e povoadas do Estado. Na Figura 1, é possível notar que está classificada entre as que têm mais que 38.695 habitantes.

Como faz parte do interior paulista, a realização da rótica em coda silábica é foneticamente distinta da realização dessa mesma variável na Bahia. Um bauruense tende à

realização retroflexa da rótica em coda, o “*r caipira*”, enquanto a variedade baiana tem sua realização aspirada, em que se percebe uma nítida passagem de ar quando se pronuncia essa consoante. Como já mencionado na Seção Fundamentação Teórica, essa diferenciação já foi discutida por Nascentes (1953) quando separa em isoglossas os falares do norte e do sul do Brasil para a realização de (-r) em contexto de coda silábica.

Pensando na variação e na mudança linguística do falar desses migrantes, adotamos os argumentos de Guy (2007) de que quanto maior o número de dados coletados, maior a possibilidade de desvelar tanto a estrutura linguística quanto social de uma dada comunidade. Explica-se aí o fato de termos feito pesquisa sociolinguística mista: acrescentamos à entrevista sociolinguística propriamente dita, uma lista de palavras e uma leitura de texto, para verificarmos se a mudança de estilo (mais ou menos monitorado) também é um fator influenciador na acomodação/manutenção do dialeto do migrante. Essa discussão sobre variação estilística já foi trazida à tona por Labov (2008[1972]) em sua clássica pesquisa sobre o inglês de Nova York. Nosso protocolo de pesquisa segue o que foi proposto por ele.

Para o autor, a atenção que o falante dá à fala a depender do estilo é indispensável para compreender a variação linguística: a fala casual é detectada quando o falante presta mais atenção no que está falando e não propriamente em *como* - isto pode ocorrer em bares, festas em família, em situação de fofocas, por exemplo. Já o estilo monitorado é detectado quando a forma como o falante se expressa é tão ou mais importante do que propriamente *o dito*, isto acontece em palestras, reuniões de trabalho, entrevistas de emprego e outras situações semelhantes.

Como o nosso intuito é verificar o vernáculo, isto é, a manifestação linguística espontânea do falante, a metodologia utilizada na entrevista é fundamental para que se obtenha esse feito. E mais, a fim de sabermos se realmente houve menor monitoramento e variação por parte do falante no momento da entrevista, os participantes da pesquisa fizeram leitura de um texto e leitura de lista de palavras, a fim de comparar se, em momentos de maior monitoramento, o comportamento linguístico seria diferente, propiciando ou anulando a variação.

Para a realização da pesquisa, foi necessária a construção de um *corpus* que atendesse às nossas necessidades específicas quanto aos estudos da *Acomodação Dialetoal*. Para participar desse *corpus*, foram convidados 12 (doze) migrantes baianos que morassem na cidade de Bauru, São Paulo.

Cada um dos doze participantes passou por uma entrevista sociolinguística, a qual foi transcrita e estudada sistematicamente a fim de propiciar uma compreensão mais objetiva dos fenômenos linguísticos que ocorreram. Na transcrição, a ortografia não foi alterada, salvo nas realizações da variável: H para a variante aspirada e R para a retroflexa; eventualmente, utilizamos 0 (zero) para o apagamento da variável. Isto quer dizer que se o participante disse ‘cópu’ em lugar de ‘copo’, preferimos transcrever desta última forma, uma vez que o vocábulo não tem a variável específica desta pesquisa. Por outro lado, na realização da palavra, por exemplo, ‘mulher’, a depender da realização do falante, optou-se por *mulheH* ou *mulheR*, ou em caso de apagamento, utilizamos *mulhé0*. Adequações gramaticais não foram feitas: admitiu-se a transcrição de *os menino*, por exemplo, se esta foi a realização do falante.

A partir das amostras coletadas, foi realizada transcrição por oitiva dos dados produzidos na fala de cada participante, - que foram classificados em retroflexo ou aspirado. Os dados analisados foram quantificados com o auxílio da *plataforma R*, que trabalhou estatisticamente os dados e o analisamos sobre os pontos mais fundamentais e explicativos sobre os fatores que influenciam ou não a acomodação dialetal. Os resultados da quantificação foram interpretados em relação às hipóteses estabelecidas. Esses resultados podem nos levar a corroborar ou rechaçar as hipóteses que aqui apresentaremos sobre os fenômenos linguísticos estudados.

A pesquisa foi composta das partes, a saber:

1. Perguntas e respostas (Apêndice I);
2. Ficha social (Apêndice II);
3. Leitura de um pequeno texto (Apêndice III);
4. Leitura de lista de palavras (Apêndice IV);
5. TCLE (Anexo A).

Tanto na leitura de texto quanto na leitura de palavras, houve palavras que não continham a variável em questão, desta forma, destacamos que as palavras-alvo são aquelas que contenham a variável (-r) em contexto de coda silábica. Na leitura do texto (Apêndice III), as palavras-alvo foram *Laércio*, *terminar*, *Curtumes*, *amador*, *esquerdo*, *bar*, *porta*, *cervejaria* e *fornecida*. Na leitura de palavras (Apêndice IV), as palavras-alvo foram *corpo*, *elevador*, *carta*, *mórbido*, *marco*, *morte*, *noturno*, *verde*, *secar*, *esticar*, *corda*, *vermelho*, *amor*, *diurno*, *sonhar* e *porque*. As leituras de texto e de lista de palavras mostram a influência que pode ter a mudança de estilo (+ ou - monitorado) no processo de acomodação

dialetal. As hipóteses são: o maior monitoramento faz com que o falante mantenha seus traços originais quanto à realização de (-r) em coda silábica; o menor monitoramento mostra marcas da acomodação dialetal mais frequentes na fala do migrante. E essa hipótese parece ser fundamentada na ideia de que o tema da entrevista é o processo de migração; apesar de não ter sido dito que procuramos analisar sua fala, é evidente que o interesse é saber mais sobre o migrante e o que o levou a migrar para Bauru, sendo assim, o migrante poderia querer mostrar sua origem e sua identidade em seu ato de fala mais monitorado.

Cada etapa contribuiu de alguma forma para a análise de acomodação ou manutenção do dialeto do migrante. As respostas às perguntas (Apêndice I) nos guiam quanto à identidade do falante, se se enxerga como um ser alheio ou se sente que já faz parte da comunidade bauruense. A ficha social (Apêndice II) contém informações sobre o perfil do participante, tais como qual a idade, com quantos anos chegou, qual o seu contato com baianos etc. A leitura de um pequeno texto e a leitura de palavras mostram se o monitoramento interfere nesse processo de acomodação dialetal. Isso tudo já foi proposto por Labov (2008[1972]). A todo momento, o entrevistador tentou extrair a variável (-r) em coda silábica do falante, seja ao pedir para repetir algumas vezes o que falou, ou até mesmo na escolha das palavras contidas na lista e no pequeno texto que leram.

O que se deve deixar claro é que a pesquisa sociolinguística toma seu próprio rumo: em cada conversa houve ou não a necessidade de se fazer determinada pergunta a fim de deixar o participante o mais à vontade possível para chegarmos ao ser vernáculo, que foi o nosso objetivo. Ocorreu, ainda, o caso de algum falante não conseguir terminar a realização da leitura por falta de escolaridade, motivando que suas realizações foram menos numerosas do que as dos falantes que conseguiram realizar a leitura completa.

2.1 Construção da amostra

Para compreender a realização de (-r) em coda silábica por migrante baianos em Bauru, decidimos entrevistar uma pequena parcela da comunidade de migrantes baianos na cidade. São 12 informantes estratificados, em um primeiro momento, em: sexo/gênero e escolaridade. Admitimos falantes que tenham chegado em diversos períodos de suas vidas, de diversas idades e o tempo em Bauru não foi um requisito para a participação da entrevista. Como se trata de um grupo heterogêneo, buscamos compreender as diferenças em suas realizações em função dessa heterogeneidade. Na Tabela 1, apresentamos um panorama dos participantes da pesquisa.

Tabela 1: Panorama dos participantes da pesquisa⁵

Migrante	Sexo/Gên.	Idade	Idade de Chegada	Tempo em Bauru	Atitude	Escolaridade	Contato com baianos
TM20	masculino	40	20	20 anos	positiva	médio	frequente
WM11	masculino	29	18	11 anos	positiva	médio	frequente
MS4	masculino	26	22	4 anos	positiva	superior	esporádico
JS4	masculino	23	19	4 anos	positiva	superior	frequente
MS20	masculino	40	20	20 anos	positiva	superior	frequente
WM1	masculino	22	21	1 ano	positiva	médio	esporádico
AS20	feminino	28	8	20 anos	negativa	superior	frequente
LS17	feminino	53	36	17 anos	negativa	superior	esporádico
HM24	feminino	44	20	24 anos	positiva	médio	frequente
WM3	feminino	59	56	3 anos	negativa	médio	frequente
GM21	feminino	52	31	21 anos	negativa	médio	frequente
KS1	feminino	40	39	1 ano	negativa	superior	frequente

Fonte: própria

Uma discussão sobre a variável social ‘sexo/gênero’ e sua relação com os fatos linguísticos aparece em Romaine (2000): nesse texto é pontuado se realmente a mulher tende a ter maior consciência dos fatos linguísticos que os homens. Essa afirmação pode ser discutida por meio da ideia de *paradoxo do gênero*, em Labov (2001), segundo a qual

As mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas. (Labov, 2001, p. 293).

Essas duas afirmações mostram a importância e a complexidade que essa variável tem na variação linguística, por isso, pretendemos analisá-la para compreender se se faz verdade em nossa comunidade de fala. Porém, quando falamos em Acomodação Dialetal, não é possível assumir que os pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguísticas atuarão do mesmo modo como se observou em processos variáveis em geral. Por se tratar de um campo de estudos relativamente novo, é preciso se questionar se as atitudes de homens e mulheres têm o mesmo padrão que a Sociolinguística já apresentou.

A variável independente *escolaridade* pode ter influência no sentido de que pode fomentar a consciência linguística do migrante de modo que ele se torne mais sensível às diferenças nas realizações dos bauruenses. A hipótese é a de que quanto maior a escolaridade, maior a consciência linguística de que são realizações diferentes e, por isso, maior a tendência para a acomodação dialetal. Optamos por incluir os dois níveis de escolaridades (Ensino

⁵ Ao se analisar a Tabela 1, notou-se que houve praticamente uma sobreposição das variáveis *Atitude* e *Sexo/Gênero*. A falante HS24 foi a que destoou da organização destas variáveis. A observação desta predominância não foi contemplada nesta pesquisa, mas pode servir de material para estudos futuros mais aprofundados deste material que aqui se apresenta.

Médio e Ensino Superior), pois acreditamos que quanto escolaridade, maior a sensibilidade linguística do falante, percebendo as diferenças dialetais e, por isso, pudesse favorecer a acomodação. Como já mencionado anteriormente, a variável Ensino Fundamental foi excluída das análises por não haver participantes.

Para que tenhamos um número ao menos satisfatório e representativo da comunidade, para cada perfil, selecionamos 3 informantes. A Tabela 2 apresenta a composição da amostra, em termos de células sociais:

Tabela 2: o corpus da pesquisa

	Ensino Médio	Ensino Superior
HOMEM	◆ ◆ ◆	◆ ◆ ◆
MULHER	◆ ◆ ◆	◆ ◆ ◆

Fonte: própria

2.2 Variável dependente

Em Sociolinguística Variacionista, os termos técnicos relativos à variação linguística podem parecer, a princípio, bastante complexos. Apreciamos dois conceitos de bastante importância para os estudos da Variação e Mudança Linguísticas: *variáveis dependentes* e *variáveis independentes*.

Com isso, para esta pesquisa, a variável dependente é a realização de (-r) em coda silábica, que inclui no universo pesquisado duas variantes: a variantes aspirada [h] e retroflexa [ɹ].

Abaixo, reproduzimos um excerto de uma entrevista com um migrante do sexo masculino, com ensino superior completo, de 40 anos e que está há 20 anos em Bauru. Esse trecho contém as seguintes variantes: O para quando for apagado o (-r) em coda, H para quando for aspirada e R para retroflexa. A inclusão da variante queda, ou apagamento, se deu para uma melhor compreensão de como é a distribuição das variantes possíveis desta variável.

(1) Excerto da fala de um falante:

“E: é... o que que você teve que mudá0 na na sua vida quando você chegou aqui?”

M: *a maneira de agi0 é um pouco diferente é: o compoHtamento social é poH causa do preconceito*

E: *veRdade?*

M: *hoje nem tanto naquela época ainda era foRte o preconceito onde eu passava e abria a boca o povo falava ô baiano é baiano*

E: *e isso pega né?*

M: *pega eu sou conhecido na maioria dos lugares po0 baiano”*

A diferença entre a fala do entrevistador (E) e do migrante (M) é visível pela realização de (-r). Nesse trecho, tanto o entrevistador bauruense quanto o entrevistado baiano apagaram (-r) em infinitivo de verbos, um traço muito comum e que não distingue variedades e dialetos no Brasil; Callou (2015) expõe de forma clara o caráter não distintivo desta variante quando se estuda as diferenças geográficas. O que é interessante no trecho acima (Trecho 1) é que já é visível a variação em sua fala, pois o falante ora usa a variante retroflexa, ora usa a aspirada.

2.3 Variáveis independentes e categorias de análise

Nosso trabalho focaliza as variáveis sociais e linguísticas que podem influenciar o processo de acomodação, podendo corroborar esse processo ou inibi-lo⁶. Segundo o próprio trabalho de Trudgill (1986), o tempo de estadia, bem como a idade, podem influenciar na acomodação. Em Labov (2001), também foi discutida possível influência de distinção de sexo sobre a variação linguística.

A estratificação feita a partir de sexo/gênero (1) e escolaridade (2). As outras (de 3 a 12) são hipóteses adicionais que podem ajudar na explicação do fenômeno. A saber:

- (1) *Sexo/gênero*: masculino e feminino a fim de visualizar se o comportamento linguístico dialetal é igualmente proporcional em ambos os sexos. Labov (2001) abordou o *paradoxo do gênero*, mostrando o comportamento interessante que os dois sexos distintamente tinham perante a variação linguística. Fazemos um adendo para mencionar, hoje, as diferenças entre sexo e gênero. Segundo Moser (1989), por sexo se entendem as características inatas do ponto de vista biológico, o gênero se refere aos papéis sociais atrelados ao homem e à mulher.

⁶ Alguns trabalhos sobre acomodação dialetal, como é o caso do estudo de Santana (2018), são baseados em *redes sociais*, conceito explorado por Milroy (1987 [1980]), que correspondem ao grupo com o qual o falante interage. Segundo esses trabalhos, as redes sociais influenciam no processo de acomodação dialetal do migrante. No entanto, a configuração de nossa amostra não comporta a análise por redes sociais.

- (2) *Escolaridade*: o que adotamos foram os níveis a partir do Ensino Médio, ficando assim: Ensino Médio (EM) e Ensino Superior (ES). O critério é que os falantes tenham pelo menos iniciado o Ensino Médio e/ou Superior. A hipótese é a de que quanto maior a escolaridade, maior a consciência linguística do falante, o que poderia influenciar em seu modo de falar, resultando em uma maior acomodação.
- (3) *Idade do falante*: esta variável foi estratificada em (faixa 1) de 22 a 29 anos, (faixa 2) de 38 a 44, ou (faixa 3) de 52 a 59 anos.
- (4) *Tempo de residência*: por ser uma amostra pequena, não há um *continuum* nesta variável, assim, cada possibilidade será avaliada separadamente. A hipótese é a de que o maior tempo de contato com o dialeto bauruense favorece a acomodação dialetal. As categorias para esta variável foram: (I) até 10 anos na cidade; (II) de 10 a 20 anos na cidade, ou (III) mais de 20 anos.
- (5) *Idade de chegada*: foi dada a preferência por migrantes que tenham passado a puberdade na Bahia, época em que se acredita ser quando o processo de aquisição da língua se estabiliza, como afirma Lenneberg (1967), e somente após esse período é que tenham migrado a Bauru. Nosso intuito é analisar migrantes que tenham se tornado adultos falando o dialeto baiano. Apostamos na ideia de que quanto mais cedo o migrante veio, menos estabilizado está seu repertório linguístico, sobre a fase da puberdade ser um importante marco linguístico na vida do falante, fase que chamou de *período sensível*. Também foi uma das variáveis estratificadas, neste caso, em (a) menos de 13 anos, (b) de 14 a 26 anos, (c) de 27 a 47 anos, ou (d) mais de 48 anos de idade.
- (6) *Contato com baianos*: outro fator que pode favorecer a manutenção do dialeto baiano é se esse migrante ainda tem contato com seus conterrâneos. Se, por outro lado, só tem contato com bauruenses, a hipótese é a de que a acomodação seria mais fácil. Por se tratar de uma resposta livre, houve muitas possibilidades para esta variável. Estabelecemos as seguintes categorias: classificamos *esporádico* respostas como *às vezes, raramente, dificilmente, quase nunca*; por outro lado, classificamos *frequente*, ideias como *diariamente, todos os dias, constantemente, frequentemente*. Nenhum informante relatou não ter nunca contato com outros baianos.
- (7) *Estilo da fala*: conversa (- monitorada), leitura de texto (+ ou - monitorada) e leitura de palavras (+ monitorada), que contenham a variável linguística de interesse à

pesquisa. Baseando-nos em Labov (2008[1972]), na literatura sociolinguística em geral, pensamos na hipótese de que o *continuum* de monitoramento da fala possa interferir no processo de acomodação.

- (8) *Atitude em relação a Bauru*: também foi levado em conta se o migrante tem uma visão positiva da cidade e deseja ficar nela, ou se tem uma atitude negativa e desejo de voltar à Bahia. Essa ideia está profundamente atrelada à teoria de Giles, Taylor e Bourhis (1973), trazendo noções como desejo de pertença e aprovação do interlocutor. A todos os migrantes entrevistados, o entrevistador pergunta se tem vontade de ficar (atitude positiva) ou de voltar à Bahia (atitude negativa).
- (9) *Informante*: o próprio informante deve ser levado em consideração por conta de seu desejo de pertencimento à realidade social bauruense ou, pelo contrário, pelo seu desejo de afirmação como sendo baiano.
- (10) *Contexto fônico precedente*: sendo sempre uma vogal, nossa hipótese é que o tipo de vogal, se *anterior*, *central* ou *posterior*, pode interferir nas taxas de acomodação dialetal em (-r). A classificação quanto aos fonemas vocálicos e consonantais (contexto fônico seguinte) são de Cagliari e Massini-Cagliari (2012).
- (11) *Contexto fônico seguinte*: assim como o que foi descrito acima, o contexto que segue a variável pode mostrar variação na realização de (-r), classificamos o contexto seguinte em *pausa*, *consoante oclusiva*, *consoante oclusiva*, *consoante nasal*, *consoante africana* ou *consoante lateral*. Nossa hipótese é a de que a oposição pausa vs. preenchimento de contexto seguinte, bem como a classificação fônica desse contexto pode influir nas taxas de acomodação.
- (12) *Posição de (-r) na palavra*: a posição da variável na palavra, se no meio ou no fim, pode ser outro fator que influencia ou inibe a variação.

Os valores das categorias que envolvem tempo (idade do falante, idade de chegada e há quanto tempo mora na cidade) foram padronizados porque não configuram um contínuo, então não seria o caso de apresentá-las de forma gradativa; mais conveniente foi categorizar esses valores. Os valores de referência foram adotados em consonância com a quantidade de falantes, a fim de que a distribuição se tornasse o mais homogênea possível em cada categoria, apesar de ter ficado exatamente balanceada.

Nossas hipóteses para cada grupo de fatores foram expostas de modo a justificar a escolha de cada um deles. Essas hipóteses podem ser corroboradas ou negadas pelos resultados da análise dos dados, o que pode abrir margem para maior investigação futura sobre tais dados. A acomodação dialetal por migrantes baianos em Bauru ainda não foi estudada e qualquer resultado proveniente desta pesquisa, ainda que parcial, será válido para uma compreensão dos fenômenos presentes na cidade.

2.4 Critérios de exclusão

Como esta pesquisa tem por objetivo analisar as realizações de (-r) em coda silábica, existem critérios que nos obrigam a abrir mão de alguns dados por conta da não realização satisfatória e decisiva para a computação de dados. São eles:

- (1) o apagamento de (-r) em infinitivos de verbos, tanto na variedade nordestina como na bauruense foi categórico diante de pausa no estilo conversa. Resolvemos excluir esse apagamento dos dados porque é, de acordo com Callou (2015), característico de todo o território brasileiro. Não é, então, fundamental para entendermos este processo de acomodação dialetal, uma vez que não distingue os dois falares.
- (2) apagamento de (-r) no fim de alguns substantivos, especialmente após [o] tônico como pertencente ao dialeto baiano: Salvadô[-]; amô[-], flô[-].
- (3) *imitação* do falar de um bauruense: os baianos apontaram o (r) como sendo ao traço característico mais saliente no falar bauruense; portanto, quando “imitavam” a variante retroflexa não usavam seu vernáculo, produzindo um dado que não nos interessa no momento para esta pesquisa porque se tratava de uma *imitação* e não *acomodação*. Esses dados são comumente classificados como metalinguísticos.
- (4) contextos em que (-r) era seguido de vogal na palavra seguinte, que provocam a realização de tepe no lugar da fricativa aspirada ou da variante retroflexa, como em: po[r] exemplo; seca[r] esticar. Esse fenômeno não apresenta variação porque tal realização também é característica do falar do bauruense e do baiano.

3 ANÁLISE DOS DADOS

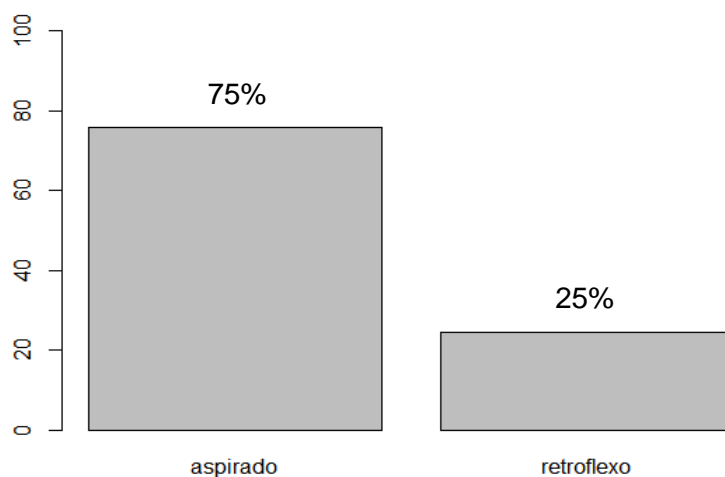
Os dados foram quantificados, sendo submetidos aos testes estatísticos da *plataforma R*, que dá respaldo para os estudiosos no campo da Sociolinguística Variacionista, uma vez que os resultados assim obtidos evitam que se tenha um olhar impressionístico sobre a distribuição da realização da variável.

As análises foram feitas com o cuidado de se cruzarem a variável dependente com as independentes. Para cada variável independente, temos uma tabela de frequência, com os números absolutos das realizações, e uma tabela de proporção em uma escala de zero a cem para cada variante (retroflexa e aspirada) - análise univariada.

No desenvolver da pesquisa, notou-se que cada variável independente influencia de forma diferente no processo de acomodação. Por esse motivo, foi feito um modelo arbóreo (*Conditional Inference Tree*), que ajuda a compreender a hierarquia das variáveis que melhor explicam o processo.

O corpus analisado se compôs de 584 ocorrências de (-r) em coda silábica. Os resultados gerais que obtivemos sobre a distribuição da variável dependente (-r) na fala de migrantes baianos que moram em Bauru estão expostos na Figura 2:

Figura 2: Distribuição geral da realização de (-r) na comunidade de fala



Fonte: própria

O que se pode ler desse gráfico é que ainda há mais realização da variante aspirada (75%, 442 em 584) que realização da retroflexa (25%, 142 em 584). Esta análise da distribuição da realização de (-r) por migrantes baianos mostra que o processo de acomodação dialetal está em andamento e, portanto, trata-se de variação linguística.

O que se observou é que a variante baiana (aspirada) divide espaço com a variante retroflexa bauruense no falar do migrante, mas ainda se mantém forte. Isto poderia ser explicado pelo fato de que os falantes entrevistados, em sua maioria, vieram depois do período da puberdade, fase que se crê ser quando acontece *estabilização* da norma do falante, como aponta Lenneberg (1967).

Ao estudar a realização de (-r) em Nova York, o autor descobriu que nenhum dos informantes entrevistados da cidade apresentaram uso categórico de uma variante de (-r) em coda silábica mesmo em contextos mais formais; ainda, o autor explica que todos os informantes haviam crescido falando um dialeto sem a realização de (-r), levando a crer que a idade de aquisição do dialeto primário (doravante D1) tem relevância no processo de acomodação dialetal. Labov ainda disserta sobre quando a sensibilidade ao significado social da fala desperta no falante:

É no primeiro ano do ensino médio que o falante começa a adquirir o conjunto de normas avaliativas (...) Ele se torna sensível ao significado social de sua própria maneira de falar e de outras; a familiaridade total com as normas da comunidade parece ser atingida aos 17 ou 18 anos de idade. (LABOV, 2008, p. 168).⁷

Um fato interessante para a pesquisa foi o de que apenas uma das informantes migrou antes da idade adulta. A informante AS20⁸ migrou para Bauru com apenas 8 anos de idade, e suas realizações de (-r) foram todas retroflexas. Os outros informantes migraram, pelo menos, com a idade de 18 anos. Nesses, sim, houve maior variação na distribuição das variantes. Outro ponto que nos chamou a atenção foi o fato de que alguns já vivem em Bauru há vários anos e ainda mantêm muito fortemente a variante aspirada, como é o caso de WM11 e LS17, por exemplo. Apresentamos trechos da entrevista com esses falantes.

(2) Excerto da fala de WM11

⁷ Consideramos a necessidade de se fazer aqui uma ressalva: essa afirmação de Labov é feita a partir do contexto social do início dos anos 1970. É possível que a ideia desse despertar não seja mais a mesma hoje, havendo a casualidade de que essa sensibilidade se defina mais cedo.

⁸ A caracterização dos informantes se deu pela sigla (inicial do primeiro nome seguida da inicial da escolaridade seguida do tempo em Bauru).

“E: *você gosta daqui?*

M: *sou apaixonado poH Bauru, cara.*

[...]

M: *por exemplo, lá na minha cidade, se você quisesse estudar ou fazer alguma faculdade, você teria que saiH de casa duas horas da taHde, viajar quase duzentos quilômetros. E chegar em casa duas horas da manhã.*

E: *nossa!*

M: *aqui é tudo peHto. Bauru é uma cidade fantástica. Não é peHfeita, mas é fantástica.”*

(3) Excerto da fala de LS17

“E: *o que te suRpreendeu no modo de viver de um bauruense?*

M: *tudo, desde a foHma de comer, o sotaque... poHque o baiano, noHmalmente, o pessoal gosta de tirar um sarrinho poH causa do sotaque e tal... mas quando eu via alguém falando poRta era a coisa mais estranha do mundo. Parecia que eu estava em outro planeta.*

E: *aham!*

M: *o pessoal costuma falar: SalgadoH é outro planeta. Não! Eu me sentia em outro planeta aqui. Mas me senti bem.”*

Conforme Labov, esses falantes já teriam, em tese, se tornado sensíveis ao significado social de seu próprio falar, fator esse que poderia justificar a manutenção de sua variante. Essas reflexões são fundamentais para a compreensão dos processos de acomodação dialetal por que passam esses falantes.

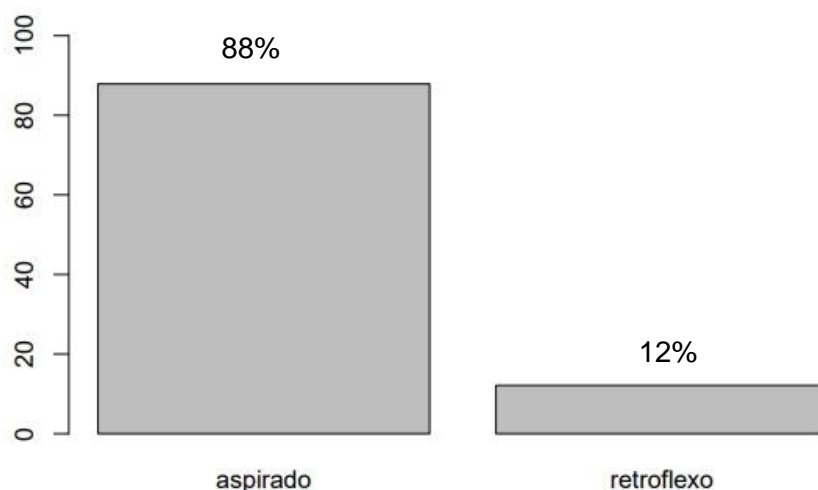
Por outro lado, a proporção de 25% da variante retroflexa pode indicar, de acordo com Trudgill (1986), uma *convergência dialetal*⁹, situação em que um falante busca *aproximar-se* linguisticamente de seu interlocutor para que receba aprovação do mesmo. Pode-se inferir ainda que o desejo de pertença ou de aprovação dos munícipes da cidade poderia influenciar

⁹ Tradução nossa do original *accent convergence* (TRUDGILL, 1986).

de alguma maneira o falar do migrante. Tais fatores podem, oportunamente, provocar ou inibir o processo de acomodação dialetal do falante.

No caso da migrante AS20, por ter realização categórica da variante retroflexa, constatamos que seus dados estavam enviesando os resultados da comunidade, já que o peso que exercia na realização desta variante era tão contundente. É interessante apontar uma hipótese explicativa para o fato de que a forma inovadora tenha uso categórico para a falante AS20, que será oportunamente apresentada quando apresentarmos características específicas de cada participante. Então, optou-se por realizar análise sem a referida participante. O resultado mostrou-se bastante diverso do que havia sido feito até então, como vemos na Figura 3.

Figura 3: Distribuição geral da realização de (-r) na comunidade de fala excluídos os dados da participante AS20



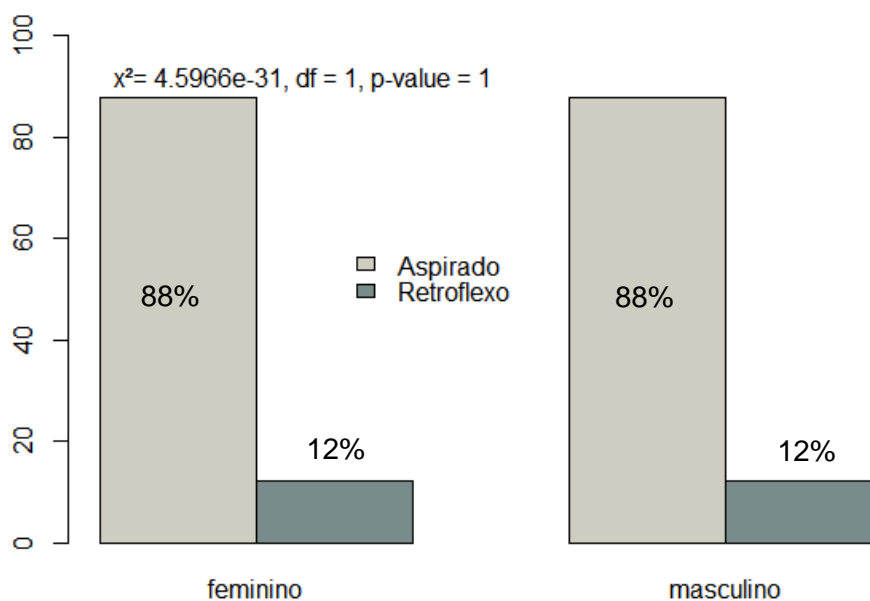
Fonte: própria

As alterações são nítidas: os dados anteriores contabilizavam 584, agora são 503. Dos 503, a proporção da realização aspirada foi de 88% (442 ocorrências) e da variante retroflexa, 12% (61 ocorrências). Ficou evidente o enviesamento do falar de tal migrante, portanto, optou-se por fazer as análises estatísticas das variáveis seguintes sem seus dados, buscando um resultado sem o peso de algum participante que pudesse mudá-lo tão fortemente.

3.1 A variável independente *Sexo/Gênero* no processo de Acomodação Dialetal

Os resultados obtidos quando se cruzou a variável dependente (-r) com a variável independente sexo/gênero representam de forma muito interessante alguns fatos linguísticos sobre esse grupo em evidência na pesquisa.

Figura 4: A realização de (-r) segundo o sexo/gênero sem AS20



Fonte: própria

A distribuição por sexo se deu da seguinte forma: 503 ocorrências totais, das quais para o sexo feminino: 204 aspiradas e 28 retroflexas; para o sexo masculino: 238 aspiradas e 33 retroflexas. Mostrando, assim, um equilíbrio na distribuição das variantes nos dois sexos.

Por meio dos estudos de uma comunidade de fala na Filadélfia, Labov (2001) apresenta a relação entre variação/mudança linguística e sexo/gênero, mostrando os diferentes comportamentos que cada um pode apresentar nas realizações linguísticas. O linguista conclui que esses comportamentos configuram o que chamou de *paradoxo do gênero*, que inclui o que segue:

- (a) existe uma diferenciação de gênero;
- (b) o comportamento de ambos se diferencia a depender da norma ser explícita ou implícita.

Como já citado anteriormente, os pressupostos da Teoria Laboviana não podem ser tomados como certos e explicativos para o processo de acomodação dialetal. Esse foi o caso do resultado desta pesquisa: a análise indica que não há diferença significativa na distribuição das variantes aspirada e retroflexa pela ótica do sexo do falante. Pelo contrário, o que se observou foi um comportamento idêntico: 88% de aspiração para ambos os sexos e 12% da variante retroflexa. Isto quer dizer que a variável sexo/gênero não se mostrou significativa para explicar o processo de acomodação dialetal. Esses resultados são corroborados pelo teste de qui-quadrado, ($p\text{-value} = 1$). O valor de referência para que seja considerada uma variável significativa para tal explicação seria $p < 0,05$. Houve a necessidade de se debruçar sobre as variáveis restantes para buscarmos melhor compreensão do processo.

3.2 A variável independente *Escolaridade* no processo de Acomodação Dialetal

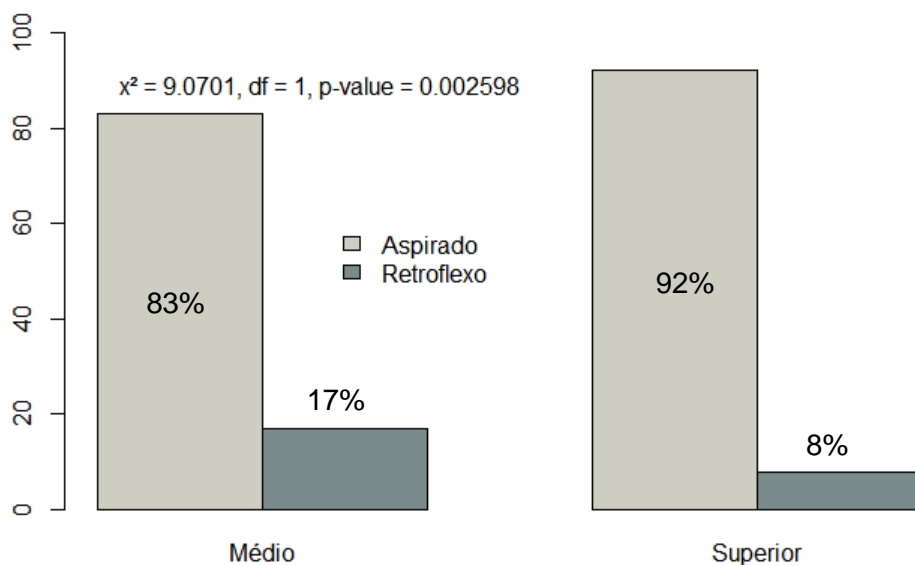
A variável escolaridade, segundo nossa hipótese, poderia ser um fator influenciador no processo de acomodação dialetal no sentido de que poderia favorecer uma noção e sensibilidade linguística maior no falante. Porém, muitos fatores deveriam ser levados em conta, como: onde o falante completou a escolarização, por quanto tempo ficou em cada etapa, se o aprendizado da norma padrão poderia influenciar ou não na acomodação. Portanto, buscamos investigar se, de alguma forma, as duas possibilidades de estratificação para escolaridade (Ensino Médio ou Ensino Superior) se correlacionavam com o processo.

Nossa busca nessa comunidade de fala é, por meio da plataforma R, visualizar se e quanto a variável escolaridade pode influenciar no processo de acomodação dialetal. Foi estabelecido o seguinte para essa variável:

- (a) falantes que tenham, pelo menos, iniciado o Ensino Médio e
- (b) falantes que tenham, pelo menos, iniciado o Ensino Superior.

Subdividimos assim porque nossa hipótese era a de que esses falantes poderiam ter comportamentos diferentes em relação à realização de (-r): quanto maior a escolaridade, maior, talvez, a sensibilidade linguística do falante para perceber as diferenças nas realizações dos dois falares. Os resultados dessa análise vêm apresentados na Figura 3.

Figura 5: A realização de (-r) segundo a escolaridade sem AS20



Fonte: própria

As proporções de realização das variantes foram: Ensino Médio, 83% da variante aspirada e 17% da variante retroflexa; para os falantes de Ensino Superior, 92% de aspiradas e 8% de variantes retroflexas. A correlação indica que os falantes cuja escolaridade é até o Ensino Médio se acomodam mais facilmente do que os de Ensino Superior. Isto, é claro, pela ótica exclusiva da variável escolaridade.

Observamos, o teste de qui-quadrado mostrando que essa variável é significativa no processo de acomodação dialetal em (-r) por migrantes baianos na cidade de Bauru. O valor de p (p-value) aqui está $< 0,05$, ou seja, é significativo. Para essa variável social, a distribuição foi: para Ensino Médio, 195 ocorrências aspiradas e 40 retroflexas; para Ensino Superior, 247 aspiradas e 21 retroflexas.

As razões subjacentes a esses resultados não podem ser totalmente elucidadas em números ou pela estatística: nossa hipótese é a de que uma maior escolarização poderia provocar mudanças no ser-falante da comunidade, tornando-o mais sensível às mudanças linguísticas ao seu redor, favorecendo, assim, uma maior acomodação do que os que têm menor grau de escolarização. No entanto, notamos que, contrariamente a essa hipótese, os participantes no Ensino Superior retêm mais sua variante de origem do que os do Ensino Médio. Um caminho possível de interpretação seria que os falantes do Ensino Médio estão

mais suscetíveis à acomodação. Em Alves (1979), pode-se encontrar que alguns falantes nordestinos tendem à “camuflagem linguística”, ou seja, os falantes menos escolarizados pertencem a classes sociais mais baixas e sofrem mais preconceito, daí a maior necessidade de se “camuflar” linguisticamente.

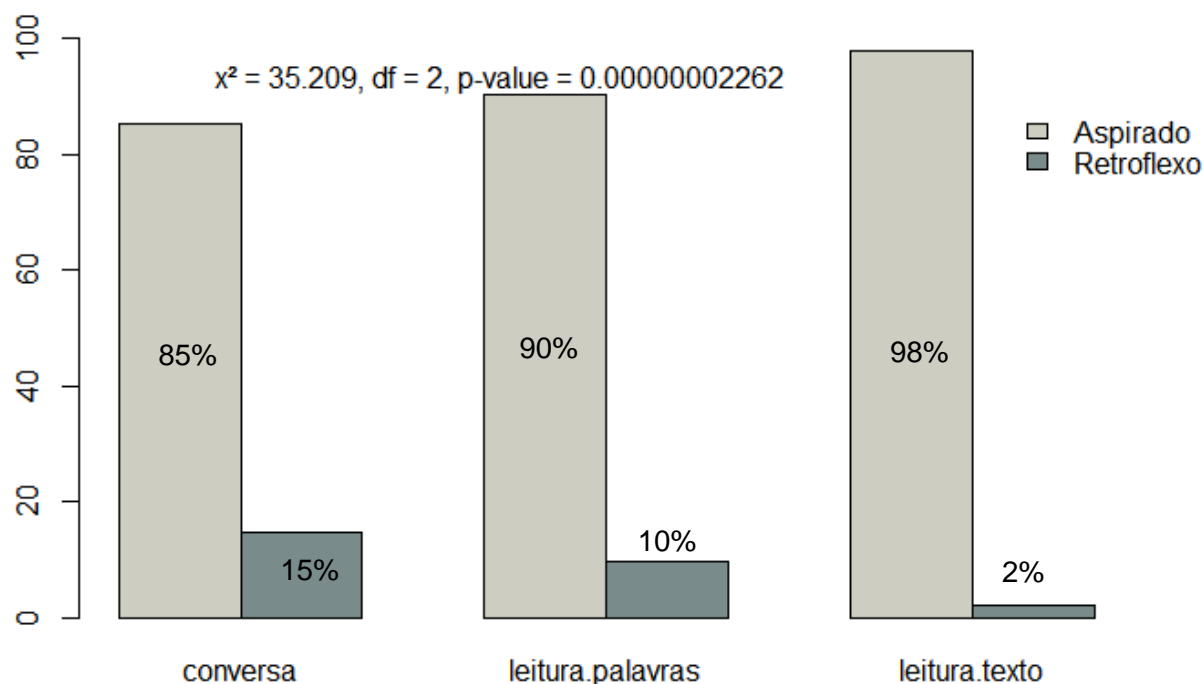
3.3 A variável independente *Estilo contextual* no processo de Acomodação Dialeto

Nossa pesquisa foi realizada, como já informamos, em três partes: da mais espontânea (conversa), para uma mais monitorada (a leitura de texto) e, por fim, a mais monitorada delas (leitura de palavras). Durante a pesquisa, tentamos deixar o participante à vontade. De acordo com Labov (2008[1972]), a presença do entrevistador em si já exerce uma certa pressão na produção das respostas, o que pode deixá-las enviesadas e assim não conseguiríamos chegar ao vernáculo do participante. A essa situação, Labov deu o nome de *Paradoxo do Observador*: o pesquisador precisa registrar a fala espontânea do informante, para ter pleno acesso aos dados, poder voltar a eles nas análises, porém o fato de registrar provoca monitoramento.

Labov propõe um *continuum* de monitoramento por meio do que ele denominou estilos da fala ou estilos contextuais (2008[1972]). E esse *continuum* pode influenciar na realização linguística do falante. Então, o que propusemos foi analisar os dados para verificar se o maior ou menor grau de monitoramento pode influenciar na manutenção ou na acomodação dialetal.

A hipótese para essa variável não se refere ao estilo em si, mas aos resultados das realizações. Índices de maior frequência de realizações inovadoras (nesse caso a variante retroflexa) em contextos menos monitorados indicam que, possivelmente, o falante se sente parte da comunidade de fala de Bauru; por outro lado, a manutenção/uso da forma conservadora (a variante aspirada) poderia eventualmente indicar um distanciamento do falar da cidade, como forma de resistência ou identidade, o que levaria o falante a não se acomodar — ao menos, não conscientemente. Para os estilos mais monitorados, temos a hipótese de que haveria menos acomodação por conta da questão identitária: por se tratar de uma entrevista sobre baianos e sobre a Bahia, os falantes poderiam manter suas variantes originais até por conta do sentimento envolvendo as respostas. Para melhor compreendermos qual é a atitude do falante com relação à cidade, classificamos como uma variável independente “atitude”, que será oportunamente debatida nesta pesquisa. A Figura 6 traz os resultados para a variável estilo contextual.

Figura 6: A realização de (-r) segundo o estilo contextual sem AS20



Fonte: própria

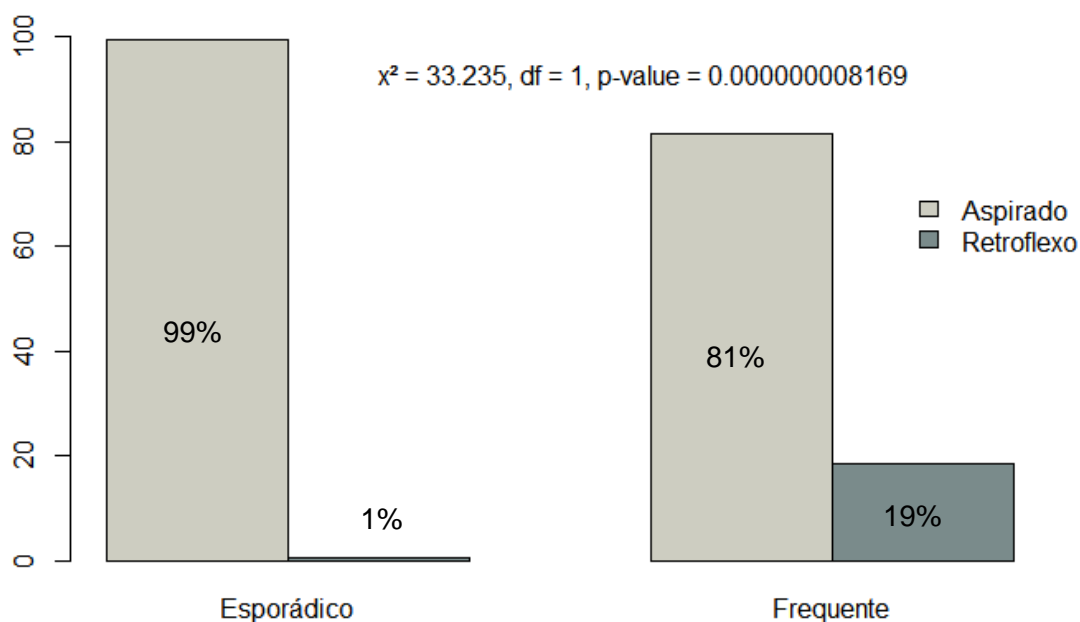
Os resultados nos mostram, de fato, uma diferença entre os estilos mais e menos monitorado - quanto maior o nível do monitoramento, menor o uso da forma inovadora: temos 85% de aspiradas no estilo *conversa* (272 ocorrências em 319), 90% de aspiradas no estilo *leitura de palavras* (122 ocorrências em 135) e 98% de aspiradas no estilo *leitura de texto* (48 ocorrências em 49). Ou seja, quando presta mais atenção ao seu modo de falar, o falante tende a realizar a forma conservadora, que neste caso é a variante aspirada.

A variável estilo contextual mostrou-se, então, significativa no processo de acomodação dialetal, o que comprova o teste de qui-quadrado: o p-value foi $< 0,05$, abaixo do nível de referência. No entanto, os resultados não comprovam plenamente a hipótese. Pareceu haver diferença significativa na acomodação entre os eixos *conversa* e *leitura de palavras* vs *leitura de texto*. Esse padrão poderá ser explicado por meio de estudos aprofundados sobre essa variável em específico e as respectivas realizações. Neste trabalho, todavia, não foi possível explicar essa diferença característica no campo do eixo já mencionado. O esperado era uma diminuição gradativa da variante aspirada no *continuum* de monitoração: *conversa* > *leitura de texto* > *leitura de lista de palavras*.

3.4 A variável independente *Contato com Baianos* no processo de Acomodação Dialetal

Ao analisarmos a variável independente *Contato com Baianos*, pretendíamos interpretar os resultados sobre o quanto a frequência do contato com as formas conservadoras pode influenciar no processo de acomodação dialetal. A hipótese foi a de que quanto maior o contato com a forma conservadora, maior a manutenção dessa forma no falar do migrante: a ideia do reforço poderia ter influência na sua realização de (-r). Os resultados dessa análise estão na Figura 7.

Figura 7: A realização de (-r) segundo o contato com baianos sem AS20



Fonte: própria

As duas categorias que compõem a variável *Contato com Baianos* são: esporádico e frequente. Na Figura 7, é possível verificar a proporção da realização das variantes: para a retroflexa, houve 60 (19%) ocorrências para os que consideraram o contato como frequente e 1 (1%) para os que o consideravam esporádico; para a variante aspirada, foram 264 (81%) para contato frequente e 178 (99%) para contato esporádico; $p\text{-value} < 0,05$, indica que o cálculo é estatisticamente significativo, mas não na direção hipotetizada. Esses resultados seguem o sentido oposto às expectativas, uma vez que nossa aposta era a de que o contato frequente com baianos e a manutenção do (-r) aspirado seriam grandezas diretamente

proporcionais. Nesta pesquisa, mostrou-se o contrário: os que classificavam seu contato com outros baianos como mais frequente produziram mais a forma inovadora, isto é, estão mais avançados no processo de acomodação dialetal.

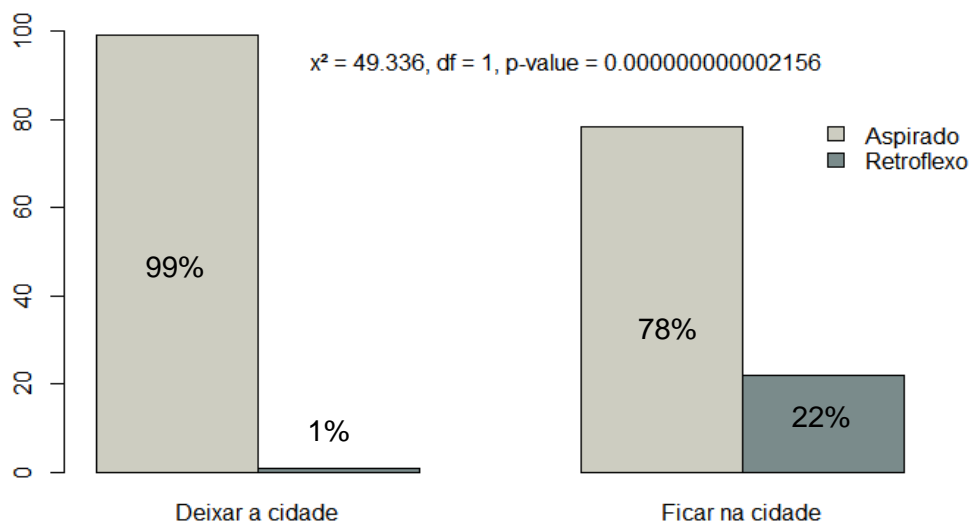
Consideramos necessário comentar que seria preciso uma investigação do tipo de contato que o migrante mantém com seus conterrâneos para aprofundar a compreensão do possível papel desse fator: se por meio de ligação telefônica ou mensagem de texto, por exemplo. Apesar de não ter sido o intuito desta pesquisa, a diferença no tipo de contato poderia ser um fator determinante no processo de acomodação dialetal desse migrante.

3.5 A variável independente *Atitude* no processo de Acomodação Dialetal

Essa variável diz respeito não somente ao fato de o falante gostar ou não da cidade, mas, sim, consideramos positiva a atitude de falantes que pretendem ficar na cidade, por outro lado, negativa a dos que pretendem ir embora. O motivo do desejo de ir embora não nos coube perguntar, salvo quando, oportunamente, o falante compartilhou a informação por livre e espontânea vontade.

O que trazemos como hipótese é a de que os migrantes que possuem atitudes positivas, por terem uma maior identificação com a cidade, tenham a tendência de se aproximar no modo de falar de um local e, portanto, são mais suscetíveis ao processo de acomodação dialetal. Os que manifestam atitude negativa, por não terem essa identificação com a cidade, hipoteticamente se distanciariam do falar bauruense, o que parece plausível dizer. Os resultados estão representados na Figura 8.

Figura 8: A realização de (-r) segundo a atitude sem AS20



Fonte: própria

Esses foram os resultados que mais se confirmaram de acordo com as nossas hipóteses: os valores apresentados na Figura 8 evidenciam que a hipótese se confirmou: 1% de retroflexo na fala dos migrantes que têm atitude negativa perante a cidade (2 ocorrências em 232); o interessante é notar os valores tanto de aspirado quanto de retroflexo para os que mostraram atitude positiva com relação à cidade: 78% da forma conservadora (212 ocorrências em 271) e 22% da forma inovadora (59 ocorrências em 271). Os números mostram claramente que a acomodação é mais eficaz quando a atitude é positiva.

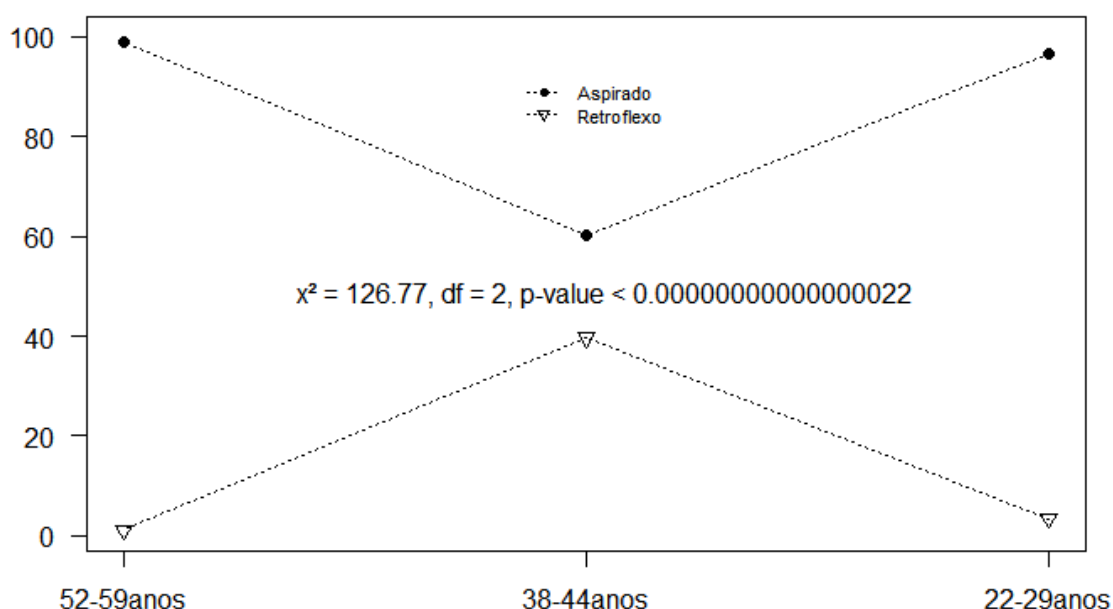
Esses valores tão caros à pesquisa sobre contato dialetal de migrantes baianos se mostraram bem esclarecedores dos fenômenos linguísticos da cidade de Bauru. O resultado ainda foi ratificado pelo $p\text{-value} < 0,05$. Na subseção 3.13, são expostas as vozes dos falantes, isto facilita a compreensão da atitude e da acomodação dialetal, tornando o estudo mais significativo.

3.6 A variável independente *Idade* no processo de Acomodação Dialetal

Nesta variável, buscou-se analisar o efeito da idade do migrante no momento da entrevista e seus resultados no processo de acomodação dialetal em (-r) em coda. Dividimos os participantes em 3 faixas, já que não se tratava de um *continuum*. Faixa 1, participantes com idades de 22 a 29 anos; Faixa 2, participantes de 38 a 44 anos; e Faixa 3, participantes de 52 a 59 anos. Percebe-se por meio da análise das faixas que há intervalos entre elas, o que

corroborar a ideia de não se tratar de *continuum* e, portanto, houve a necessidade de agrupar as idades em faixas. Os resultados vêm apresentados na Figura 9.

Figura 9: A realização de (-r) segundo a idade do falante sem AS20



Fonte: própria

É possível interpretar pela Figura que há diferença na realização de (-r) em coda a partir de dois eixos:

Faixa 2, de 38 a 44 anos (60% de aspiradas - 79/131; 40% de retroflexas - 52/131)

vs

Faixa 1 (22 a 29 anos; 97% de aspiradas - 195/202; 3% de retroflexa - 7/2020) e

Faixa 3 (52 a 59 anos; 99% de aspiradas - 168/170; 1% de retroflexa 2/170).

É possível interpretar o caráter significativo que a variável idade mantém quando se trata da análise do processo de acomodação dialetal de migrantes baianos. A faixa 2 foi a mais equilibrada. O p-value corroborou a aposta da representação significativa dessa variável.

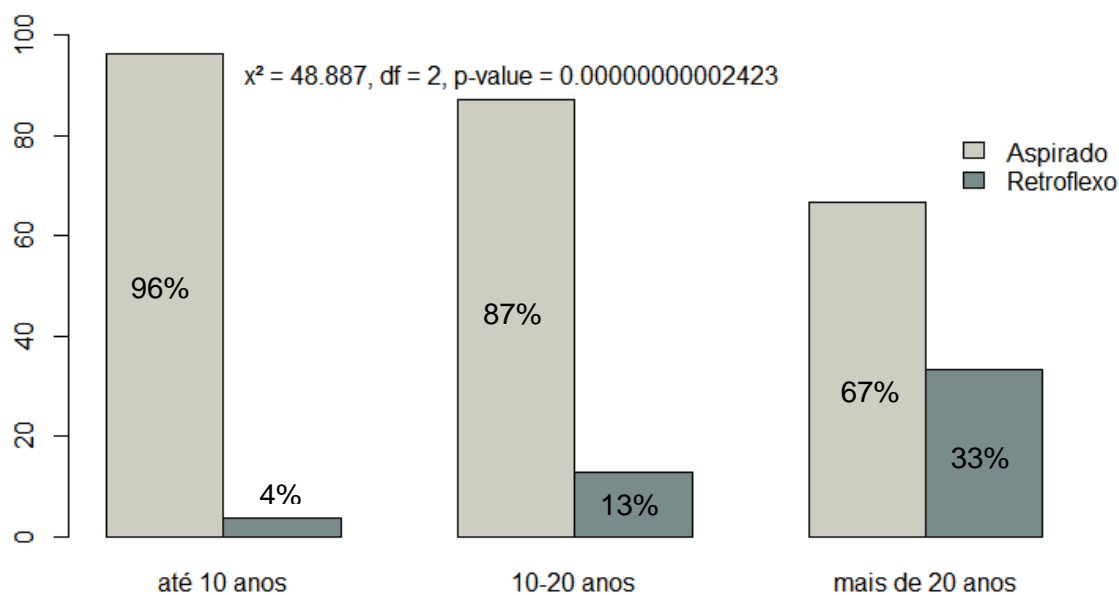
Esse padrão de distribuição das variantes nos remeteu para a noção de *mercado linguístico*, discutida em Bourdieu (1990) e retomada por Calvet (2002). Segundo os autores, os falantes que se encontram na População Economicamente Ativa (PEA), por influência do mercado de trabalho, são pressionados linguisticamente até que se adaptem à norma que esse mercado prescreve. Pode-se interpretar, ainda, que a forma inovadora, a retroflexa, seja a forma de prestígio, o que poderia influenciar essa parcela da população de migrantes quanto ao processo de acomodação dialetal.

Um aspecto que não pôde ser investigado, mas que poderia ter relação com o possível papel do *mercado linguístico*, é o tipo de profissão ou ocupação dos migrantes entrevistados. Profissões que implicam um maior contato com público, por exemplo, exporiam o indivíduo a mais situações de pressão normativa que, no contexto deste estudo, corresponderiam a uma influência no sentido do uso da variante retroflexa.

3.7 A variável independente *Tempo em Bauru* no processo de Acomodação Dialetal

A variável *Tempo em Bauru* busca analisar se a extensão do período de moradia na cidade e a taxa de acomodação dialetal em (-r) em coda são grandezas diretamente proporcionais, isto é, se quanto mais tempo o migrante tenha passado na cidade, maiores as realizações da variante retroflexa. Esta variável também foi categorizada em faixas: Faixa I, até 10 anos na cidade; Faixa II, de 10 a 20 anos na cidade; Faixa III, mais de 20 anos. Vemos os resultados da análise na Figura 10.

Figura 10: A realização de (-r) segundo o Tempo em Bauru do falante sem AS20



Fonte: própria

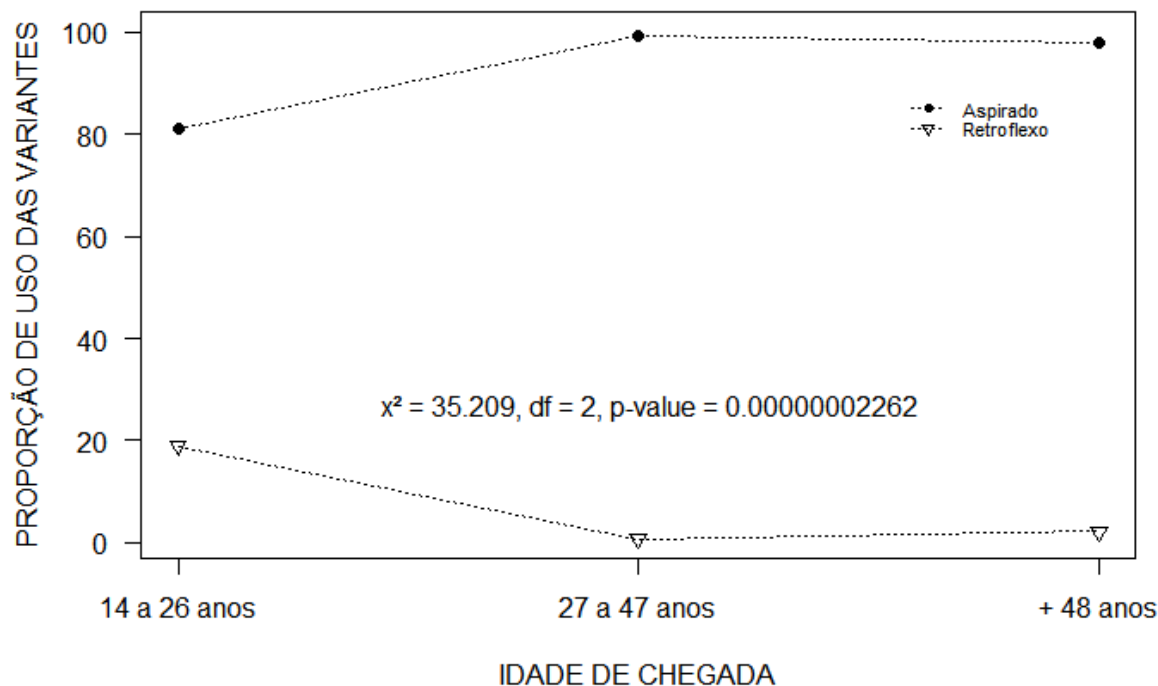
Os resultados seguem de acordo com o esperado, quanto maior o tempo em Bauru, maior a realização de (-r) retroflexo. O maior tempo em Bauru favorece um maior contato e por mais tempo com a variantes inovadora, o que poderia facilitar a acomodação.

A frequência para as realizações foram: na Faixa I (até 10 anos na cidade), 210 ocorrências aspiradas (96%) e 8 retroflexas (4%); na Faixa II (de 10 a 20 anos), 178 ocorrências aspiradas (87%) e 26 retroflexas (13%); Faixa III (mais de 20 anos), 54 ocorrências aspiradas (67%) e 27 retroflexas (33%). Com p-value abaixo de 0,05, mostrando que é uma variável significativa para compreender o processo. Esses resultados estão de acordo com os obtidos em Oushiro (2020).

3.8 A variável independente Idade de Chegada em Bauru no processo de Acomodação Dialectal

Consideramos a variável Idade do migrante quando chegou a Bauru um fator importante para compreender o processo de acomodação dialetal. Foram classificados da seguinte forma: falantes que chegaram com idade entre 14 a 26 anos; com idades entre 27 e 47; com idade superior a 48 anos, o que pode ser observado na Figura 11.

Figura 11: A realização de (-r) segundo a *Idade de Chegada a Bauru* do falante sem AS20



Fonte: própria

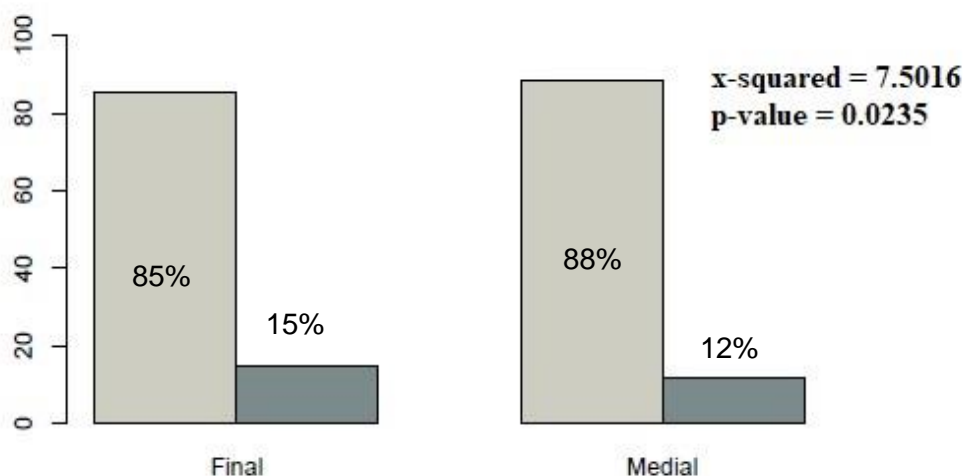
Quanto à proporção das realizações, obtivemos: na faixa de 14 a 26 anos, são 254 aspiradas (81%) e 59 retroflexas (19%); na faixa de 27 a 47 anos, são 142 aspiradas (99%) e 1 retroflexa (1%); na faixa acima dos 48 anos, são 46 aspiradas (98%) e 1 retroflexa (2%). Para os que chegaram mais velhos, então, a utilização de aspiradas, ou seja, a manutenção dialetal, se mostrou praticamente categórica, fato corroborado pelo p-value, evidenciando o caráter significativo da variável: $< 0,05$.

A hipótese, de acordo com Lenneberg (1967) e Labov (2008[1972]) e com o estudo de Oushiro (2020), era a de que quanto mais jovem, antes até da puberdade, maior seria a chance de uma mudança linguística. O que se percebe com esses resultados é que corroboram essa ideia: os falantes que chegaram mais jovens a Bauru realizam proporcionalmente mais retroflexos, isto é, se acomodaram mais do que os que vieram mais velhos. Essa variável aparenta ser a grande determinante do processo de acomodação. Não parece ser impossível de se imaginar que os que chegaram mais cedo estejam mais acomodados à variante inovadora do que os que chegaram em outras fases da vida.

3.9 A variável independente *Posição de (-r) na palavra no processo de Acomodação Dialetal em Bauru*

Incluíram-se as variáveis linguísticas para melhor compreender o processo de acomodação da comunidade entrevistada. A primeira delas foi a posição de (-r) em coda: se no meio da palavra, medial, ou se no fim da palavra, final, o que vemos na Figura 12.

Figura 12: A realização de (-r) segundo a posição de (-r) na palavra sem AS20



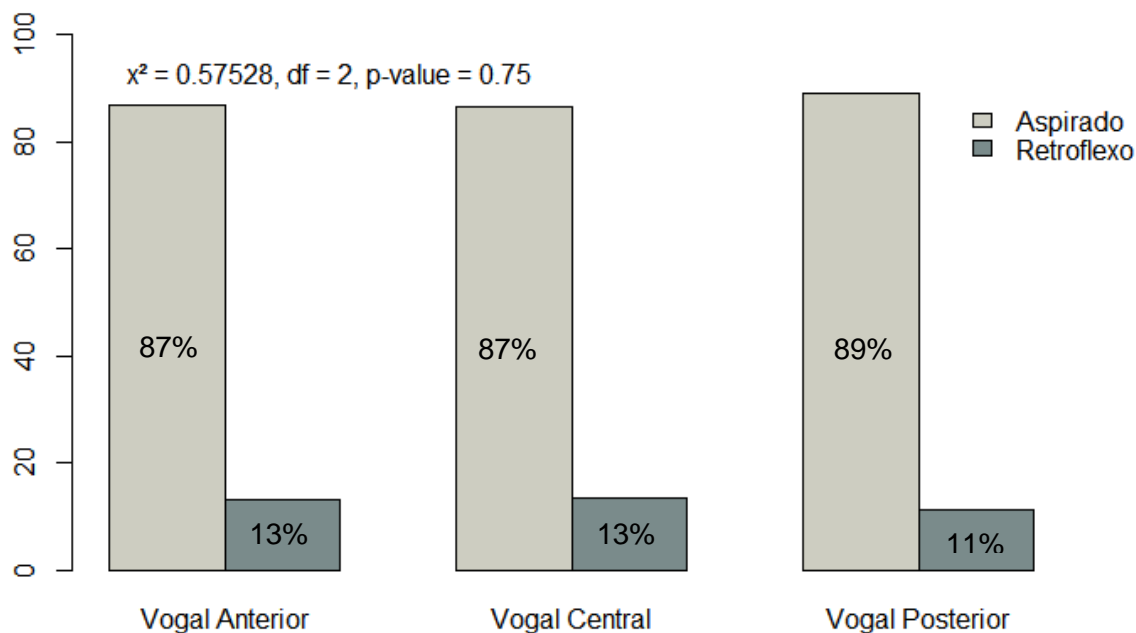
Fonte: própria

A hipótese de que poderia haver diferença na distribuição das realizações de (-r) a depender da posição da variável linguística na palavra foi refutada: não houve diferença significativa: no meio da palavra, as realizações da variante aspirada foram 348 (88%) e da variante retroflexa foram 45 (12%); em fim da palavra, foram 94 aspiradas (85%) e 16 retroflexas (15%); valores confirmados por $p\text{-value} > 0,05$. Mostrou-se, assim, uma variável que não ajuda na compreensão do processo de acomodação dialetal de (-r) em coda por migrantes baianos desta comunidade.

3.10 A variável independente *Contexto Fônico Precedente a (-r) no processo de Acomodação Dialetal em Bauru*

Outra variável linguística analisada foi o contexto precedente ao (-r) em coda. Foram classificados de acordo com Cagliari e Massini-Cagliari (2012) em: vogal anterior, vogal central ou vogal posterior, uma vez que todos os casos de (-r) em coda foram precedidos de vogal. Exemplificamos cada um deles aqui: contexto fônico precedente com vogal anterior: *perfeita*; contexto fônico precedente com vogal central: *cartão*; contexto fônico precedente com vogal posterior: *nordeste*. Os resultados estão representados na Figura 13.

Figura 13: A realização de (-r) segundo o Contexto Precedente a (-r) sem AS20



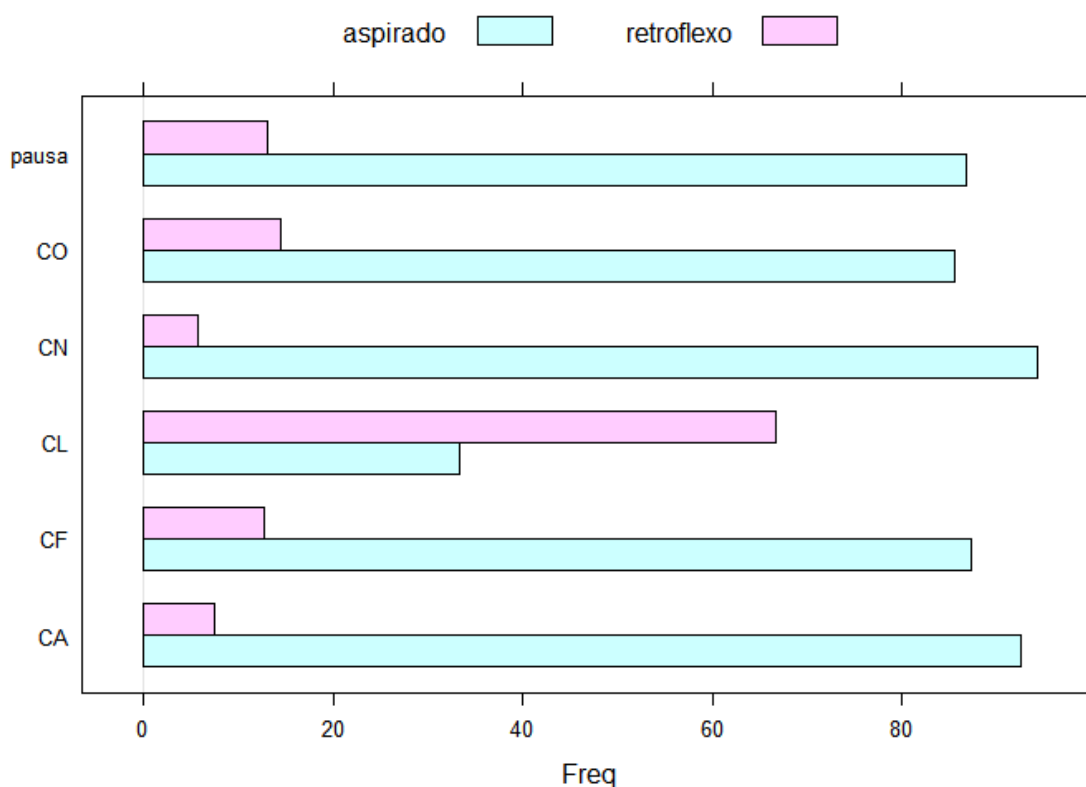
Fonte: própria

Os resultados não apontaram caráter significativo para as variáveis linguísticas no processo de acomodação dialetal por esses migrantes. Na frequência desta variável, tem-se para as Vogais Anteriores 144 ocorrências aspiradas (87%) e 22 retroflexas (13%); para a Vogal Central, 65 aspiradas (87%) e 10 retroflexas (13%); para as Vogais Posteriores, 233 ocorrências aspiradas (89%) e 29 retroflexas (11%). O caráter não significativo para a compreensão do processo foi, mais uma vez, corroborado pelo $p\text{-value} > 0,05$.

3.11 A variável independente *Contexto Fônico Seguinte a (-r)* no processo de Acomodação Dialetal em Bauru

Foram analisados os contextos seguintes a (-r) para compreender o processo e sua influência na acomodação. Levamos em conta os seguintes contextos: pausa, ou o seguinte a classificação consonantal de Cagliari e Massini-Cagliari (2012): consoante oclusiva (CO - como em *verdade*), consoante nasal (CN - como em *terminar*), consoante fricativa (CF - como em *Laércio*), consoante lateral (CL - como em *Carlos*), consoante africada (CA - como em *forte*).

Figura 14: A realização de (-r) segundo o Contexto Seguinte a (-r) sem AS20



Fonte: própria

A distribuição parece revelar um comportamento diferenciado da variante retroflexa no contexto de Consoante lateral, em oposição a um predomínio expressivo da variante aspirada nos outros contextos. Mas, na verdade, pela baixa ocorrência de dados CL, não é possível chegar a uma conclusão precisa do comportamento nesse contexto linguístico específico. Apresentamos uma tabela de frequência a fim de avaliarmos melhor a distribuição:

Tabela 3: Distribuição de (-r) em função do *contexto fônico seguinte*

	ASPIRADA	RETROFLEXA
CA	50 (93%)	4 (7%)
CF	48 (87%)	7 (13%)
CL	1 (33%)	2 (67%)
CN	82 (94%)	5 (6%)
CO	208 (86%)	35 (14%)
Pausa	53 (87%)	8 (13%)

Fonte: própria

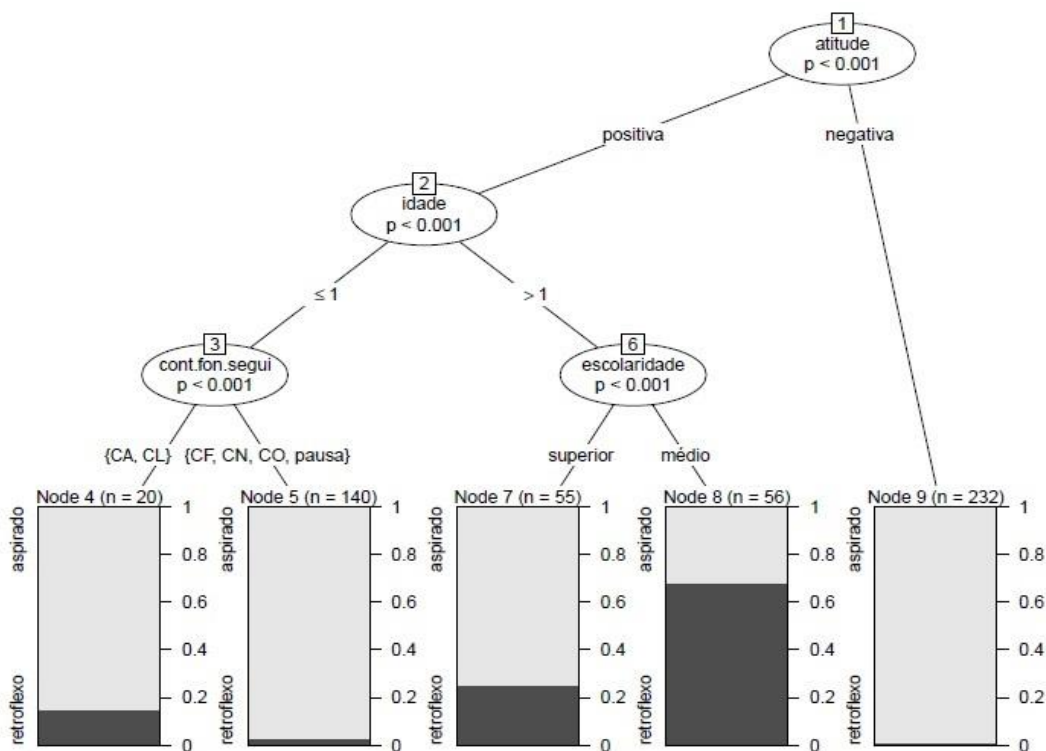
Embora os valores da forma inovadora, retroflexa, sejam baixos em todas as variáveis à exceção da CL, há de se notar que as categorias “oclusiva” (CO), “fricativa” (CF) e pausa contam com o dobro do percentual em relação à realização de (-r) nas categorias “africada” (CA) e “nasal” (CN). Pode-se inferir, então, que algumas favorecem mais que outras, embora seja em um grau baixo; a distribuição da variante retroflexa não é homogênea.

Para esta variável, foi realizado um teste de qui-quadrado, mas por conta da aproximação parecer incorreta, recorremos ao teste de Fisher, que apontou o p-value 0,034 ($< 0,05$). Interpretamos que a variável é significativa para a explicação do processo de acomodação dialetal.

3.12 Modelo arbóreo da significância das variáveis independentes sobre a variável dependente

A partir da análise da significância de cada variável independente sobre a dependente, esquematizamos nesse *modelo arbóreo* qual é a hierarquia das variáveis independentes quanto à sua influência no processo de acomodação dialetal.

Figura 15: Modelo arbóreo da relevância das variáveis independentes



Fonte: própria

Foi plotado um modelo arbóreo das variáveis analisadas a partir do script de Brandão (2020), que nos ajudou a chegar ao modelo acima. A interpretação deve ser feita da seguinte forma: a primeira variável que explica o processo de acomodação é *atitude*, se negativa, vê-se uma barra com quase 100% de aspiradas (cinza claro). Se a *atitude* for positiva, a segunda variável que melhor explica é a *idade*: os da Faixa 1, 22 a 29 anos, (≤ 1) ou os das Faixa 2, 38 a 44 anos, e Faixa 3 acima de 44 anos (≥ 1). Se menor/igual à Faixa 1, a variável determinante passa a ser o contexto seguinte; se maior que os da Faixa 1, a variável que melhor explica é a escolaridade.

É possível notar que no balão com a variável Contexto Fônico Seguinte, há uma divisão: CA e CL de um lado e CF, CN, CO e pausa de outro, e a partir delas, cada uma com as suas barras com as porcentagens das realizações, sendo a parte cinza escura as retroflexas e as cinza clara a aspirada. Na variável escolaridade, subdivide-se em Superior e Médio, mostrando a distribuição da realização das variantes a depender desta variável.

3.13 Panorama dos participantes

Acreditamos ser proveitosa para a compreensão do universo da pesquisa e de sua interpretação a associação dos dados obtidos com a realidade de cada falante. Dessa forma, apresentamos a seguinte tabela como um panorama geral do fenômeno (-r) e das características de cada falante.

Tabela 4: Panorama dos migrantes entrevistados com as ocorrências

Migrante	Ocorrências	Real. Aspirado	Real. Retroflexo	Sexo/Gên.	Idade	Idade de Chegada	Tempo em Bauru	Atitude	Escolaridade	Contato com baianos
TM20	14 (100%)	2 (14%)	12 (86%)	masculino	40	20	20 anos	positiva	médio	frequente
WM11	51 (100%)	51 (100%)	0 (0%)	masculino	29	18	11 anos	positiva	médio	frequente
MS4	54 (100%)	53 (98%)	1 (2%)	masculino	26	22	4 anos	positiva	superior	esporádico
JS4	57 (100%)	50 (88%)	7 (12%)	masculino	23	19	4 anos	positiva	superior	frequente
MS20	55 (100%)	41 (75%)	14 (25%)	masculino	40	20	20 anos	positiva	superior	frequente
WM1	42 (100%)	42 (100%)	0 (0%)	masculino	22	21	1 ano	positiva	médio	esporádico
AS20	81 (100%)	0 (0%)	81 (100%)	feminino	28	8	20 anos	negativa	superior	frequente
LS17	80 (100%)	80 (100%)	0 (0%)	feminino	53	36	17 anos	negativa	superior	esporádico
HM24	41 (100%)	16 (39%)	25 (61%)	feminino	44	20	24 anos	positiva	médio	frequente
WM3	45 (100%)	44 (98%)	1 (2%)	feminino	59	56	3 anos	negativa	médio	frequente
GM21	38 (100%)	37 (97%)	1 (3%)	feminino	52	31	21 anos	negativa	médio	frequente
KS1	20 (100%)	20 (100%)	0 (0%)	feminino	40	39	1 ano	negativa	superior	frequente

Fonte: própria

Como já explicitado anteriormente, os falantes não foram identificados por seus nomes, mas sim pela inicial do primeiro nome, as iniciais de escolaridade (M para Ensino Médio; S para Ensino Superior), seguidas do tempo, em anos, em que moram em Bauru. Na coluna *ocorrências*, expomos a quantidade de vezes em que a variável (-r) em coda apareceu durante

a entrevista, bem como as porcentagens, nas colunas seguintes, das realizações: se foi uma *realização do (-r) aspirado* ou uma *realização do (-r) retroflexo*. Seguidamente, apresentamos o *sexo/gênero*, a *idade* do falante no momento da entrevista, a *idade com que chegou* à cidade e *há quanto tempo mora em Bauru*, esta última variável dada em anos. No campo *atitude*, anotamos a preferência de ficar ou deixar a cidade de Bauru. No nível da *escolaridade*, estão as possibilidades Ensino Médio ou Superior e, por fim, no campo do *contato com baianos*, se é considerado frequente ou esporádico.

A seguir, apresentamos trechos das entrevistas de cada participante para que seja mais visível o processo de acomodação dialetal. Não somente por esse motivo, mas também para trazer a voz do participante e entender um pouco de seu enunciado. O objetivo, com isso, é aproximar o que diz do falante e o seu comportamento linguístico.

3.13.1 Falante TM20

O participante TM20 é homem, mora em Bauru há 20 anos, sua idade no momento da entrevista era 40 anos, então, chegou na cidade aos 20 anos da idade. A escolaridade é de nível médio e sua atitude em relação à cidade é positiva, ou seja, tem vontade de continuar vivendo em Bauru. O contato que esse falante tem com outros baianos é frequente, como ele mesmo citou durante a entrevista social.

Há vários fatores interessantes na realidade desse falante: à exceção de sua esposa, que é paulista, toda a sua família é da Bahia e mora em Bauru. Isto poderia explicar a variação na realização de (-r) em coda desse falante. Nem a variante retroflexa nem a aspirada foi categórica, mostrando que ele tem contato com muitos bauruenses, uma vez que trabalha como promotor em um mercado, mas também mantém em sua rede social indivíduos da mesma origem que a sua.

(4) Excerto da fala de TM20:

Trazemos aqui alguns trechos da entrevista com o falante TM20 para a mostra do contato e da acomodação dialetal em seu vernáculo:

“E: o que você achou de diferente aqui [em Bauru]? muita gente cita que a comida é diferente.

M: eu não estranhei muito porque a minha família é baiana. Então acho que o tempero não mudou.

E: *o que vocês comem lá que é diferente?*

M: *mano... lá tem muita coisa da hora.*

E: *veRdade?*

M: *tem... quando eu voltei lá, eu passei em Vitória da Conquista... e lá tem um Ceasa, cara, e o Ceasa... é tipo um meRcadão livre. Onde todo mundo vai vendo suas coisas. O daqui é diferente, lá vende comida do Ceasa, cara. Todo tipo de bolacha, sabe... tem um pavilhão inteirinho de biscoito.”*

Pode-se fazer alguns apontamentos sobre o trecho acima. O primeiro é justamente para o fato de ocorrer variação, visto que o falante produz retroflexo e aspirado (poHque e meRcadão); a variante retroflexo foi usada após o entrevistador também a ter realizado, o que poderia influenciar o migrante a usá-la também; e terceiro, é possível ver a variação no nível do léxico que, apesar de não ser o objeto desta pesquisa, não deixa de explicitar a acomodação dialetal do falante: ele varia nos termos *bolacha* e *biscoito*.

Faz-se um adendo para a entrevista deste migrante no sentido de que ele não se sentiu confortável para a leitura completa do texto e da lista de palavras. Foram feitas partes deles pelo falante, mas não em sua completude. Por essa razão, o entrevistador não o forçou a continuar a leitura, mas continuou a conversa espontânea para que houvesse mais produções de (-r) em coda.

Os níveis de realização de (-r) em vista das variantes foram: 14% de realização da aspirada e 86% de realização da retroflexa. Apesar dos poucos dados para ele, interpretamos que é possível afirmar, então, que a acomodação dialetal é aparente no falar deste migrante.

3.13.2 Falante WM11

O migrante WM11 é do sexo masculino, tem 29 anos, mora em Bauru há 11 e chegou aos 18. Seu nível de escolaridade é Nível Médio e sua atitude com relação à cidade é positiva. O contato que este migrante tem com outros baianos é frequente.

Interessantemente, este migrante também mantém contato com bauruenses diariamente, mas quanto à realização de (-r) em coda, a variante aspirada foi categórica. Isto é, nessa variável não houve acomodação dialetal.

Trazemos um trecho de sua entrevista para fim de exposição de seu falar:

(5) Excerto da fala de WM11:

“M: tudo é diferente, cara. Hoje, depois de nove anos, já me acostumei. Principalmente a comida. Hoje eu não cozinho mais como na minha terra, e as pessoas falam: pô, está peHdendo a raiz. Eu falo: não, é que a gente vai se acostumando, né.

E: claro... tem gente que fala que nem acha ceRtas coisas que tem lá... dizem que não é a mesma coisa.

M: não é, não é. Você acha ingredientes iguais, mas não sei poHque se torna diferente.

E: até poRque quando a gente fala de legumes, frutas... aqui a gente tem outro solo.

[...]

E: você tem sotaque?

M: eu tenho... duro que agora virou uma coisa braba, poHque quando eu vou pra lá, eles falam: você fala igual paulista, não fala mais igual a gente. Não falo mais meio rápido, não arrasto mais. Aí eles falam: você virou paulista? Eu falo: não, sou baiano. Nada contra!

[...]

M: na Bahia, eu falo veHde... aqui vocês falam...?

E: eu falo veRde.

M: não dá pra querer que todo mundo fala ceHto.

[...]

E: você sofreu preconceito quando chegou aqui?

M: eu sofri bastante... aqui as pessoas têm uma imagem ruim do baiano. Acham que a gente é preguiçoso...

E: é uma pena!

M: e quando me falam isso, eu penso no meu pai. Uma pessoa que batalhou a vida toda pra sustentar eu e meus irmãos... trabalhou na roça... nunca parou de trabalhaH. E chegou aqui e vocês pensam isso do baiano.”

O discurso do migrante é, sem dúvida, muito importante para a compreensão dos fenômenos linguísticos em sua fala. Em vários momentos, o migrante mostra a importância que dá para as suas raízes baianas. É interessante, ainda, a sua declaração sobre como se sente ao voltar para a Bahia: seus conterrâneos sentem a diferença em seu falar, evidenciando que houve, em algum lugar da gramática, uma variação. Na variável (-r) em coda, porém, essa variação não foi constatada, por não haver oposição retroflexo/aspirado.

3.13.3 Falante MS4

O falante MS4 é do sexo masculino, tem 26 anos e mora em Bauru há 4, isto significa que chegou aos 22 anos de idade. Seu nível de escolaridade é Ensino Superior completo, atitude positiva em relação à cidade e o contato com outros baianos é esporádico.

(6) Excerto da fala de MS4:

E: você acha, então, Bauru uma cidade boa pra morar?

M: sim!

E: melhoR que SalvadoR?

M: eu acho melhoH que SalvadoR poHque... é... Salvado0 tem muita violência. Dependendo de onde você mora pra onde você trabalha é muito longe.

E: é uma cidade muito grande, né?

M: é... e lá a saúde não é lá das melhores.

E: você acha que a daqui é melhoR?

M: eu acho.

E: veRdade?

M: em relação à daqui, eu acho que seja.

[...]

M: então quando a gente pesa isso tudo, eu moro supeH bem. Que SalvadoH talvez no estilo de vida que eu moro, estaria pagando muito caro.”

O que é interessante nesse trecho é a única realização retroflexa deste migrante: na palavra Salvador. Outro fato que chama a atenção é que essa realização ocorreu, e não pela primeira vez com um participante desta pesquisa, após uma realização retroflexa por parte do entrevistador. É possível ver que o migrante se sente bem na cidade de Bauru e alguma variação pode ser percebida em sua fala, uma vez que a realização da variante aspirada não se deu de forma categórica, mas com tal percentual (98%) temos o que Labov (2003) chama de semicategórico. Isto pode indicar que, ao falar com bauruenses, este migrante tenha uma maior tendência à realização da variante retroflexa. A taxa de distribuição de (-r) para este migrante foi a de: 98% aspirada e 2% retroflexa em 54 ocorrências totais.

3.13.4 Falante JS4

O participante JS4 é do sexo masculino, mora em Bauru há 4 anos, tem 23 de idade e é estudante de direito. Sua atitude com relação à cidade é positiva e mantém contato frequente com baianos, sendo toda a sua família de lá, apesar de não morarem juntos.

(7) Excerto da fala de JS4:

E: o que você achou diferente no modo de vive0 de um paulista do modo de vive0 de um baiano?

M: metido! See acha a capital do País. Na veHdade, o estado de São Paulo se acha dono do país. E... imposição cultural. Ao extremo.

[...]

E: e o que você teve que mudá0 quando veio morar em Bauru?

M: (pensando)

E: não sei... a comida, sua foRma de se vesti0... sua rotina.

M: ah, a rotina eu mudei poHque aqui eu trabalho mais que lá, mas eu nunca tive uma alimentação cem poH cento noHdestina... cem poH centro, sei lá, comê0 café da manhã com cuscuz e caHne e sei lá... e... e... frango com molho.

[...]

E: *e agora como você se sente morando aqui depois de quatro anos?*

M: *eu gosto, me acostumei. Eu gosto de morar aqui poH mais que os bauruenses não gostem de morá0 em Bauru.*

[...]

E: *e a nossa foRma de falá0... é bem diferente?*

M: *sotaque feio! Eu acho o sotaque do interiô0 de São Paulo feio.*

E: *poH quê?*

M: *poRta, poRtão, poRteira... e a falta do poHtuguês... não sei... é regionalismo daqui, mas é muito... ah, uma coisa que eu peHcebi, pessoas não usam plural. É as poRta, as coisa, as pessoa. E ninguém usa o subjuntivo. É todo mundo: qué0 que eu levo? qué0 que eu faço? qué0 que eu compro? Qué0 que eu... sabe? Eu acho isso muito... dá neHvoso de um jeito, poHque, assim... é coisa que... você sabe que é regional poHque é coisa assim de meus professores, mestres e doutores, falando assim. Não é de falta de conhecimento, é de... cultura.”*

O falante traz apontamentos sobre questões linguísticas que o “incomodam” no falar de um bauruense. É coerente na sua fala a baixa realização da variante retroflexa (12%), uma vez que o falar local não é agradável a ele. Foram 57 ocorrências de (-r) em coda, sendo 50 aspiradas (88%) e 7 retroflexas (12%). Apesar de não “gostar” do falar da cidade, o migrante acomodou em alguns momentos.

3.13.5 Falante MS20

Este participante tem 38 anos, chegou em Bauru aos 18, portanto está na cidade há 20. É encarregado de operação de uma fábrica de refrigerantes, é casado e, à exceção de sua esposa, toda sua família é baiana (pai, mãe e irmãos). Todos moram próximos uns aos outros.

(8) Excerto da fala de MS20:

“M: *no tempo que eu saí de lá, a qualidade de vida era bem inferiô0 à daqui.*

E: *veRdade?*

M: *bastante.*

E: *é cidade pequena? no interiorR?*

M: *é pequena... mas eu já morei em SalvadoR também.*

[...]

E: *o modo de falá0 daqui te parece ceRto?*

M: *pelo meu entendimento, sim. Pelo conhecimento que tenho de fonética... da língua poHtuguesa. Não vejo muitas coisas aqui... ai, isso é paHticulaR de bauruense.*

[...]

E: *e aí, o que você achou?*

M: *tranquilo. Dá diferença, né. Tem palavra que... por exemplo, a minha iHmã, por exemplos, se você fosse entrevistá0 uma das minhas iHmãs... ela.... poH próprio medo do preconceito, ela arrasta o “r” pra caramba. CoRpo, geradoR, caRta... nem é sotaque bauruense, é o sotaque que ela criou pra podê0 se desvencilhar desse negócio do preconceito.*

E: *veRdade? você acha que isso é natural dela ou que ela foRça?*

M: *não, não é natural. É uma coisa foRçada. Pode ser que hoje ela esteja desenvolvendo naturalmente, mas é uma coisa foHçada.”*

No enunciado do migrante, foi possível identificar ocorrências das duas variantes. A taxa de (-r) foi a seguinte: de 55 ocorrências, 41 foram aspiradas (75%) e 14 retroflexas (25%). Houve a primeira ocorrência de variante retroflexa (SalvadoR), após o entrevistador também tê-la realizado. Além disso, houve a co-ocorrência das variantes em uma mesma palavra: particular; sendo a primeira aspirada e a segunda retroflexa, mostrando claramente o processo de acomodação dialetal por que passa a fala do migrante. É interessante, ainda, o que o participante relata sobre sua irmã: para se esquivar do preconceito, a irmã do falante “força” a variante retroflexa em sua fala, tanto que acaba soando natural da região de Bauru. Esse fenômeno pode ter relação com a ideia de *hipercorreção*, trazida por Labov (2008 [1972]).

3.13.6 Falante WM1

Falante do sexo masculino, morando em Bauru há um ano. Tem 22 anos de idade e é seminarista. Sua atitude com relação à cidade é negativa, portanto tem a intenção de voltar à Bahia após o término de seus estudos.

(9) Excerto da fala de WM1:

E: o que te surpreendeu no modo de viver de um bauruense?

M: eu posso dizer assim... em meio à igreja?

E: pode, claro!

M: me surpreendeu a unidade que eles têm, de ajudá-los uns aos outros. Isso tem lá, mas aqui me surpreendeu mais.

[...]

M: aqui [no seminário] o estudo e a vida comunitária é muito importante.

E: como é essa vida comunitária de vocês?

M: na verdade, é o almoço, o café da manhã. Nunca uma pessoa toma café sozinha. Ontem mesmo para ir na farmácia... vai dois, mas nunca sozinho.

E: que legal! Vocês nunca saem sozinhos, então.

M: dificilmente.

E: você nunca saiu sozinho?

M: sim! Mas porque os outros não teve como sair mais eu.”

Todas as realizações de (-r) deste migrante foram aspiradas. O pouco tempo na cidade pode ser um fator para essa manutenção, associado ao fato de que, no seminário, ele pouco tem contato com bauruenses. Na verdade, o contato com bauruenses é mínimo, seu contato diário é com os outros seminaristas de sua turma que tampouco são de Bauru.

É interessante apontar, também, que o migrante utilizou outra variante baiana, dificilmente realizada na região do estado de São Paulo: “os outros não teve como sair mais eu”, o que um bauruense, provavelmente, realizaria como “os outros não teve como sair comigo”.

3.13.7 Falante AS20

A falante AS20 foi a que chegou a Bauru mais jovem, aos 8 anos de idade. No momento da entrevista, a participante tinha 28 anos, ou seja, morava em Bauru há 20. É professora, sua atitude com relação à cidade é positiva e seu contato com baianos é frequente, visto que toda a sua família, com quem convive diariamente, é da Bahia.

(10) Excerto da fala de AS20:

E: com oito anos você se lembra de lá?

M: peRfeitamente, peRfeitamente. Tudo!

[...]

E: o que mais você achou de diferente?

M: os pais de lá são bem mais severos... os daqui são um pouco mais peRmissivos. Muita coisa diferente... Na escola, o pessoal é mais receptivo lá, aqui eu não fui tão bem recebida. Eu demorei para me adpatá0, minhas iRmãs sofreram bastante. Quando elas eram adolescentes, sofreram muito.

E: e na escola, às vezes, os adolescentes podem seR bem peRveRsos, né?

M: exatamente! A gente sofreu bastante poR sê0 de fora e pelo jeito de falá0 também.

[...]

M: faz três semana que eu casei, eu fui para Aracaju, SeRgipe.... eu amo o noRdeste, amo!

E: eu ainda não conheço o noRdeste.

M: você precisa i0... tem voo direto de Bauru pra PoRto Seguro.

[...]

E: o que você tiveram que mudá0 quando vieram pra cá?

M: primeiro foi a questão da violência. PoRque a gente veio de uma cidade pequena. E na Bahia ainda tem cidades de quarenta, cinquenta mil habitantes que você doRme de poRta abeRta. Então a gente começou a ficá0 com medo disso. A gente teve que... mudá0...

hábito, a rotina mudou. A gente não tinha mais amigos, então minha família acabou ficando mais no núcleo mesmo, se reunindo mais, se fechando. A família do meu pai é de Bauru, mas a gente não tinha muito contato. Entendeu, meu pai ficou vinte anos morando na Bahia e voltou depois.

[...]

E: *você acha que a [comida] daqui é mais industrializada?*

M: *bem mais. Com certeza. Lá, a gente comia quase cem por cento de comida fresca. Fast food... eu nunca tinha visto. Bolacha recheada eu comecei a comer aqui, porque lá meu pai e minha mãe não precisava comprar. Tinha banana. E aqui você não acha banana que nem tinha lá. Você compra verde na terra, pra sexta [es]tá madura.*

[...]

E: *o que você estranhou no modo de falar daqui?*

M: *ai, o modo de falar, carne, porta... enrolar a língua, o jeito de falar. E a gente fala de um jeito diferente na Bahia, um pouco mais aberto. Eu sou brasileira, moro em Bauru faz vinte anos e tem gente que descobre que sou baiana porque eu como artigo. Eu digo: “eu já falei pra Gabriel, hein. Você, deixe disso.”*

Existem alguns apontamentos a serem feitos sobre esta falante. Primeiro, a variante retroflexa foi categórica no seu falar: 100% de realização. Segundo, a migrante apresenta a situação nada confortável por que passou durante sua infância/adolescência na escola, o que poderia ter causado uma “força” maior na realização consciente da variante retroflexa. Terceiro, a participante cita por quais motivos diz que ainda mantém seu dialeto nordestino: ela “come” os artigos, em especial antes de nomes próprios, o que não é natural no falar da cidade de Bauru, segundo ela; apesar de não ter citado o nome desse fenômeno, ela dá um exemplo do uso do imperativo, que no seu falar, o baiano, é espelhado no modo subjuntivo, e não no indicativo.

A hipótese da acomodação total da variável (-r) seria pelo fato de ter migrado muito jovem para a cidade de Bauru, somada ao fato de estar na cidade há vinte anos, mais o preconceito que sofreu, que acabou exercendo forte influência em seu falar. Ficou evidente em sua fala, também, que, apesar de, na variável (-r) em coda, a acomodação já ter sido completada, em outras variáveis como o uso do imperativo, o uso ou não de artigos antes de

nomes próprios, entre outros, ainda não é algo consumado. Esses aspectos não são do escopo desta pesquisa, podendo ser explorados em trabalhos futuros sobre a realidade da comunidade aqui estudada.

3.13.8 Falante LS17

A falante LS17 é do sexo feminino, mora em Bauru há 17 anos, tem 53 anos e chegou à cidade aos 36. Sua atitude com relação à cidade é negativa, não pelo fato de não gostar, mas sim porque pretende voltar a Salvador. Tem Ensino Superior completo e seu contato com outros baianos é esporádico.

(11) Excerto da fala de LS17:

E: e na roupa, no jeito de se vesti0, tem diferença?

M: eu acho que a gente se veste muito leve, poHque lá é muito calô0 e assim... praia, é uma coisa mais gostosa. E o pessoal tem aquilo de achar que baiano se veste... tanto que tem aquela coisa horrorosa que as pessoas falam: ah lá, a baianada, se vesti0 igual um baiano. Baiano se veste bem.

E: isso é muito ruim, né.

M: sim, isso é muito pejorativo. E as pessoas aqui no interiô0, eu gosto de Bauru, mas tem coisas que eu falo que é do interiorano mesmo, poHque em São Paulo, eu não escuto muito isso. Quando eu estou com os amigos da minha filha, aquela galera mais jovem, você não escuta essas piadas mais. Aqui eu ainda escuto: baianada, ah, vai se vesti0 igual baiano.

[...]

E: bauruense tem sotaque?

M: pra mim, tem. É bem diferente, inclusive, do pessoal que mora em São Paulo, na capital. A mesma coisa, se você fô0 em Salvavô0... você chegou a assisti0 essa novela que estava passando agora?

E: não vi.

M: aquela novela... os peHsonagens falam como as pessoas que moram em SalvadoH.

E: aham!

M: *ceHto? Aquela tuHma de Gabriela, de novela que fala com aquele sotaque bem arrastado... é pra o interioH da Bahia. No interiô da Bahia, você encontra, sim, mas em Salvadô0, na capital, é diferente. A mesma coisa são vocês. Aqui, o “r” é mais acentuado. Em São Paulo, eles falam po[r]ta, é bem aqui na ponta da língua. Aqui é poRta. Então a gente peHcebe.*

E: *e a senhora tem sotaque?*

M: *eu tenho! Claro que eu tenho. E agora está misturado um pouco, né. PoHque eu falo, por exemplo, de quem é essa garrafinha de água aqui? Essa garrafinha de água é de MaHcelo. Não é do MaHcelo. E eu peguei esse ‘é da fulana’, ‘é do fulano’. Algumas coisas a gente pega.*

[...]

M: *eu falo que de vez em quando eu tenho que falá0 com meu povo baiano para reciclá0 o meu sotaque. Pra eu não peHdê0, né. Por exemplo, eu falo ‘sutaque’, eu não falo ‘sotaque’. O que não é errado, é regionalismo. Isso que eu falo: a gente tem que aprendê0 a respeitá0 isso aí.*

E: *que interessante isso, né.*

M: *uma coisa que vocês usam aqui, e eu acho que em São Paulo também, é ‘de ponta cabeça’. Eu não consigo entendê0 poHque que ‘de cabeça pra baixo’ é ‘de ponta cabeça’. Onde que está a ponta, onde que está a cabeça?*

E: *veRdade!*

M: *lá na Bahia é ‘de cabeça pra baixo’. Lá, é ‘eu levei uma queda’, aqui é ‘eu caí um tombo’. Eu estranhava, mas já me acostumei. Lá a galinha põe ovos, aqui a galinha bota ovos. Então, não pode usá0 ‘botá0’ pra mais nada. Eu digo ‘bota isso aí’ e as pessoas dizem ‘quem bota é galinha’. Não, a galinha põe. Se você olhá0 lá no doutô0 Aurélio, ‘por’ e ‘botar’ é a mesma coisa. Lá na Bahia a gente bota. Mas agora eu já falo ‘põe isso aí’, quando eu voltá0 pra Bahia, já vão dizê0: ah, já está toda paulista!”*

A falante realizou 100% de aspirada, em 80 ocorrências. Foram excluídas as vezes em que a migrante imitava um bauruense ou um paulistano, visto que não faz parte de seu vernáculo. É condizente com o fato de que chegou a Bauru há muito tempo, mas já na fase adulta, o que pode ter interferência no processo de acomodação de (-r). No entanto, a própria

migrante já dá exemplos de variantes em que houve a acomodação em seu falar, porque, quando volta à Bahia, seus conterrâneos sentem a diferença na sua fala. Muito interessante é sua sensibilidade linguística: dá vários exemplos de diferenças dos dois falares, alguns, inclusive, com indignação por não entender o sentido.

3.7.9 Falante HM24

A falante HM24 é do sexo feminino, tem 44 anos de idade, chegou a Bauru aos 20 anos, isto é, está na cidade há 24 anos. Veio de uma cidade pequena da Bahia, por isso expõe como era viver em um lugar como esse. Seu esposo, que é baiano, também mora em Bauru, então seu contato com baianos é frequente. Seu nível de escolaridade é Ensino Médio e sua atitude com relação à cidade é positiva, deseja ficar.

(12) Excerto da fala de HM24:

E: é cidade pequena, tipo Agudos¹⁰?

M: é maiOR de que Agudos. Só que não tem ciHculá0. Não tem. De mais moto táxi.

E: o que você teve que mudá0 quando veio pra cá?

M: ah... os costumes... acoHdá0 cedo pra i0 trabalhá0, poHque lá não tinha essa rotina, né.

[amiga bauruense da falante ao fundo]: *baiano é foRgado. Não gosta de trabalhá0.*

M: olha o que ela está0 falando. [falando com a amiga bauruense] Vê se ele qué0 essa aí. PoHque ele qué0 uma veRde.

[...]

E: o que você acha que é diferente no jeito de falá0?

M: sabe que eu acho que já acostumei?! Lá na Bahia, fala: caHne. Aqui, fala 'caRne'.

E: mas você fala como hoje?

M: eu falo caRne. Mas chegando na Bahia, eu falo caHne.”

¹⁰ Cidade próxima a Bauru.

Foram 41 ocorrências de (-r) em sua fala e a sua taxa de realização das variantes foi a mais equilibrada: 61% (25 ocorrências) de retroflexa e 39% (16 ocorrências) de aspirada. Em seu discurso, foi interessante notar que existe a participação de um terceiro na conversa, que expressa sua opinião, cheia de estereótipo, sobre os baianos. Labov (2008) expõe que, no momento da entrevista formal, a participação de um terceiro na conversa pode suscitar a fala casual do entrevistado, uma vez que nessa relação entrevistado-terceiro possivelmente não há o paradoxo do observador. Outro fato que deve ser apontado é que a migrante diz como se acomodou em seu dialeto, aproximando-se da fala de um bauruense, mas que, quando retorna à Bahia, existe um movimento inverso: tentar voltar às origens de sua fala.

Esta falante foi a única dentre os participantes do sexo/gênero feminino que produziu mais retroflexo que aspirado; também foi a única das mulheres que declarou ter atitude positiva perante a cidade. Acreditou-se ser interessante apontar em que medida esta falante se diferenciou das outras falantes do sexo/gênero, visto que é a que mais se afastou do comportamento de seu grupo: enquanto as mulheres tendem à maior realização da variante conservadora, HS24 foi a única inovadora. Diante disso, inferimos que houve um padrão no comportamento das mulheres quanto à realização da variável e na distribuição de suas variantes, fato contrariado por esta falante.

3.7.10 Falante WM3

A falante WM3 é do sexo feminino, tem 59 anos, mora em Bauru há 3, chegou aos 56. Seu contato com baianos é frequente, visto que trabalha com sua irmã, que também fez parte das entrevistas (Falante GM21). Sua atitude com relação à cidade é negativa, porque tem vontade de voltar à Bahia e sua escolaridade é Ensino Médio.

(13) Excerto da fala de WM3:

“M: aqui nesse bairro tem faHmácia, lojinhas... ontem mesmo eu fui fazê0 pagamento.

E: quando a senhora veio pra cá, o que a senhora teve que mudá0 no seu estilo de vida?

M: eu precisei me adaptá0 a um lugá0 muito parado. Aqui eu acho as coisas muito calma.

E: ah, sim.

M: *ah, e também me comunicá0 com as pessoas.*

E: *ah, é?*

M: *o pessoal que eu trabalho já entende, mas o pessoal de loja e essas coisas, eu falava e o pessoal não entendia o que eu falava poHque não conhecia com o teHmo baiano. Tipo assim, eu quero a touca de Nero, e a pessoa: o que é isso? Entendeu? Eu digo: me vê o apanhadô0. 'O que é isso?'. É a pá de pegá0 lixo.*

E: *apanhadoR?*

M: *é! A gente chama apanhadô0. Aí essas coisas assim eu me stressava. Então eu tinha que me adaptá0 a essa convivência, de entendê0 também um pouco o dialeto de vocês, de Bauru, que tem também, né.*

E: *o que a senhora não entendia no dialeto daqui?*

M: *agora eu não me lembro... me lembro nitidamente das coisas que eu falava. Mas, inclusive, nós mesmos na Bahia, a gente estranha, às vezes, dependendo do lugar aonde a gente vai.*

E: *sim, a Bahia é enoRme, né?*

M: *sim. Entendeu? E eles estranham a gente. Então o dialeto, ele muda muito, até dentro do mesmo estado."*

Houve 45 ocorrências de (-r) em coda na fala da migrante, das quais 44 (98%) foram aspiradas e houve 1 ocorrência (2%) retroflexa. É interessante notar que, mesmo antes da pergunta sobre as diferenças nas falas, ela já se dispôs a dizer que foi uma de suas principais mudanças, visto que as pessoas não a compreendiam completamente. Outro fato notável é que na realização de (-r) não houve acomodação acentuada, mas pode ter havido de outras formas, como na lexical: a participante cita palavras que utilizava e que não eram compreendidas por bauruenses. O termo 'dialeto' não foi utilizado pelo entrevistador em momento algum antes de ser citado pela própria participante: é interessante notar a escolha do termo 'dialeto' e não 'sotaque'; parece que a migrante, mesmo que inconscientemente, tem a ideia de que a diferença não é simplesmente fonética, mas existe variação nas palavras utilizadas em cada região.

3.7.11 Falante GM21

Irmã da participante WM3, a participante GM21 é do sexo feminino, tem 52 anos, mas, diferentemente de sua irmã, mora em Bauru há muito mais tempo: 21 anos, ou seja, ela chegou à cidade aos 21. Seu contato com a irmã é diário, portanto aqui foi classificado como frequente. Sua escolaridade é Ensino Médio e sua atitude com relação à cidade é negativa.

(14) Excerto da fala de GM21:

“M: eu estranhei muito a comida. Quando eu cheguei, eu senti muita falta das comidas de lá. Mas hoje eu já estou mais acostumada. A farinha é diferente.

E: todo mundo fala da diferença da comida mesmo.

M: quando meu marido vai pra lá [Bahia], eu falo pra ele: traz a farinha. A gente vem com a sacola cheia de farinha, quase que não passa no aeroporto. O feijão... o feijão daqui é feijão no alho, baiano é acostumado a comê0 feijão com caHne.

E: ah, sim!

M: outra coisa que eu estranhei muito é a falta de uma praia... esse clima de Bauru... não fosse esse clima até que eu gostaria mais. PoHque ou é quente demais, ou é frio demais. E seco. Hoje eu já me acostumei.

E: mas a senhora gosta daqui?

M: ah... gostá0 de querê0 ficar aqui... eu pretendo, sim, sai0 daqui. Eu ainda só não voltei pra minha cidade poHque ela ainda está muito violenta. Se eu foH pra Bahia, seria pra mais longe da capital. Mas pra um lugaHzinho mais desenvolvido, como é aqui em Bauru. Se eu achá0 um lugá0 assim, que eu chego lá e tê0 um lugá0 pra me empregá0... eu vou embora daqui sem... Mas é que o interiô0 de lá é diferente do interiô0 daqui, né.

E: isso é veRdade.

M: eu acho que as autoridades dão pouca impoHtância pro NoHdeste, não só a Bahia. Pouca impoHtância... eles acham que é um povo que não precisa de nada, não merece vivê0 melhó0. Ninguém qué0 investi0 no NoHdeste, bem pouquinho, não sei poH quê.

Em sua fala, houve a ocorrência de 38 (-r) em coda; sendo 37 (97%) aspiradas e 1 (3%) retroflexa. A profissão da participante é cozinheira. Não é surpreendente, então, que grande parte da entrevista foi tomada pelo tópico comida. Ela cita as frustrações de morar longe de seus familiares, longe de ‘sua terra’, como costuma chamar a Bahia. A grande ocorrência de

aspiradas se dá pelo fato de não se identificar com a cidade, não foi nem mesmo sua escolha mudar-se para Bauru, veio para acompanhar o marido. É interessante que retenha tanto seu dialeto, isto é, mantenha-o, apesar de tanto tempo em Bauru: sentiu-se forçada a mudar-se para a cidade, não possibilitando, assim, uma conexão genuína com seus habitantes e seus costumes e falar.

3.7.12 Falante KS1

A falante KS1 é do sexo feminino, tem 40 anos e está em Bauru há 1 ano. Seu contato com baianos é frequente, porque mudou-se para Bauru com a família. Sua escolaridade é Ensino Superior e sua atitude com relação à cidade é negativa, porque deseja voltar. Sua profissão é economista.

(15) Excerto da fala de KS1:

E: o que é diferente?

M: diferente... a primeira coisa é a alimentação. É muito diferente!

E: o que é diferente?

M: o saboH. Lá a gente usa coentro pra quase tudo. Aqui pra quase nada. Todo mundo come. É estranho para a gente.

E: não teR coentro?

M: não teH coentro.

E: você gosta daqui?

M: gosto muito! Se aqui tivesse praia, eu não sairia mais daqui. E a umidade aqui é muito baixa. Lá na minha região é setenta, oitenta poH cento.

E: o que você teve que mudá0?

M: tudo! A rotina... lá, eu trabalhava com unifoHme, aqui eu trabalho sem sê0 com unifoHme. Eu trabalhava a duas horas de casa, aqui eu trabalho a trinta minutos.

E: mas isso em PoRto Seguro?

M: *eu sou de Eunápolis, mas morava em PoHto Seguro. E a fábrica fica a duas horas de PoHto Seguro. É peHto de roça e tal.*

E: *ah sim... e você gosta de lá?*

M: *adoro! Minha programação é voltá0 em quatro anos.*

E: *entendo. O que você acha diferente no modo de falá?*

M: *eu acho o sotaque do baiano mais delicado. Paulista, eu acho muito truculento. O jeito de falá0 'mano'... tanto que as meninas, eu acho meio grosseirona. Não do jeito pejorativo.*

E: *tem alguma outra palavra?*

M: *tem, por exemplo... lapiseira. Pra gente é o apontadô0. Aqui lá é grafite.*

E: *olha que interessante! Quando você fala com um bauruense, eles reconhecem que você não é daqui?*

M: *com ceHteza. Na hora em que eu abro a boca."*

Nesta entrevista, por parte da migrante, houve 20 realizações de (-r) em coda. Todas aspiradas. O que pode ser explicado pelo fato de estar na cidade há pouco tempo, por não se acostumar com o falar local e porque também tem uma atitude negativa com relação à cidade, no sentido de que deseja retornar para Porto Seguro/BA.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de acomodação dialetal no Brasil ainda se mostram incipientes, embora os que já foram realizados se revelaram muito profícuos. A importância desses estudos tão recentes para a linguística brasileira é inegável, por isso, deixamos aqui o intuito de seguir com a pesquisa em momentos futuros olhando as diferentes perspectivas que esta comunidade pode exibir quanto ao seu falar.

Falando especificamente dos resultados obtidos, o exame desses dados com esta pesquisa mostrou que cada variável tem um peso diferente na composição do dialeto do migrante baiano em contato com um dialeto novo. Conclui-se que o processo de acomodação dialetal de (-r) em coda por migrantes baianos na cidade de Bauru não se deu de forma homogênea; isto é, cada variável exerceu de forma diferente uma força a favor da acomodação ou, ao contrário, da manutenção dialetal. É interessante esse caráter maleável do dialeto porque corrobora a ideia de como a análise da acomodação dialetal é ainda um campo frutífero.

As perguntas/questões que nortearam a pesquisa sobre o comportamento linguístico do falante e quais variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciam o processo apontaram para o que segue: o migrante baiano que mora em Bauru, ao entrar em contato com o dialeto local, está em variação linguística, pois a comunidade mostrou 25% de retroflexo e 75% de aspirada, numa proporção de 3 dados conservadores para 1 dado inovador. Embora esse cálculo incluía uma informante que se mostrou tendenciosa (AS20) que se mostrou tendenciosa na composição da amostra, esta foi a distribuição que melhor expõe a realidade da comunidade em questão.

Os resultados obtidos mostraram que as variáveis *atitude*, *idade*, *escolaridade*, *estilo contextual*, *contato com baianos*, *tempo em Bauru* e *idade de chegada* foram fatores determinantes no processo de acomodação dialetal. Por outro lado, *sexo*, *posição de (-r) na palavra* e *contexto precedente* mostram-se não significativos para a explicação do processo. O que não quer dizer que sejam menos importantes, pois descobrir o que não influencia um processo também faz parte do fazer científico. Quanto ao comportamento do migrante, foi possível notar que, apesar de haver uma falante com uso categórico de (-r) retroflexo, na comunidade em análise, pareceu de fato haver uma *acomodação dialetal*.

Outro fator que deve ser ressaltado é que, quando se fala em *dialeto*, é plausível pensar que as diferenças vão além do campo fonético. Aqui, buscamos analisar uma pequena parte de uma comunidade de migrantes que ainda acomodam diferentemente seu falar a depender de fatores externos (extralinguísticos) e internos (linguísticos) em função de uma variável fonética. Então, pode-se dizer que para o (-r) em coda, o comportamento foi o exposto, o que pode, obviamente, não ser verdade para outras variáveis, sejam elas fonológicas ou não. Seria preciso um estudo mais aprofundado para afirmar se o dialeto do migrante, como um todo, está caminhando para uma acomodação.

A escolha da variável (-r) em coda se mostrou bastante oportuna, a saliência para baianos desta variável se mostrou importante, visto que os falantes, quando imitavam a um bauruense falando, usavam palavras que continham tal variável. O papel da *saliência* é um aspecto que suscita a continuação da pesquisa, bem como a noção de *identidade* quando se fala em *Acomodação Dialeto*.

Considerando que não há muitas pesquisas sobre *acomodação dialetal* no Brasil, foi possível concluir que a escolha da variável (-r) em coda foi justa e oportuna. Seu estudo mostrou correlações entre fatores extralinguísticos e o processo de acomodação, somando conhecimento aos estudos já realizados. O comportamento variável de (-r) em coda se mostrou coerente com algumas hipóteses e com outras não, evidenciando que ainda há muito de ser feito nesse campo de estudos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. I. P. M. Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo. 1979. 220f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1990.
- BRANDÃO, S.M. Template - análises linguísticas multivariadas (variáveis binomiais) no R. Disponível em <https://zenodo.org/deposit?page=1&size=20> Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Acesso em Abr. de 2020.
- CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. Fonética. In: *Introdução à Linguística*. Domínios e fronteiras. 9.ed. v.1. São Paulo: Cortez, 2012.
- CALLOU, D. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA*. v.14 n.especial. São Paulo: 1998.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística*. Uma introdução crítica. 7.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARDOSO, S. A. M. S. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- COELHO, I.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M.; MAY, G. H. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- GILES, H.; TAYLOR, D. & BOURHIS, R. *Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data*. *Language in Society*, v. 2, pp. 177-192, 1973.
- GREGIO, F. N. Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 26, pp. 80-94, 2012.
- GUY, G. Introdução à análise quantitativa de variação linguística. In: GUY, G. & ZILES, A. *Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de Análise*. Parábola editorial: São Paulo, 2007.
- HORÁCIO. *Arte Poética*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa, Editorial Inquérito, 1992.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: C. B. PAULSTON & G. R. TUCKER (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: social factors*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 2001.

- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994
- LENNEBERG, E. H. *Biological Foundations of Language*. New York: Wiley, 1967.
- MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2006. 162f.
- MILROY, L. *Language and social networks*. 2ª ed. Oxford: Blackwell, 1987 [1980].
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- MOSER, C. O. N. Gender Planning in the Third World: Meeting Practical and Strategic Gender Needs World Development, vol. 17, nº 11. Pp. 1799-1825 Great Britain, 1989.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Jehovah. *Um pouco da história de Bauru*. Bauru: Correio da Noroeste, 1965.
- OUSHIRO, L. Contrasting Age of Arrival and Length of Residence in Dialect Contact. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, V. 25.2, nº 10. pp. 79-88, 2020.
Available at: <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol25/iss2/10>
- OUSHIRO, L. *Contrasting Age of Arrival and Length of Residence in Dialect Contact*. In: NWAV47. New York: New York-NY, 2018. Disponível em <https://zenodo.org/record/1470935#.XPLM24hKiUI> Acesso em maio 2019
- OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2015. 390f.
- OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia de (-r) em coda silábica no Português Paulistano. *Revista do GEL*. São Paulo. v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.
- PINHEIRO, M. B. O apagamento do -R em formas verbais infinitivas: diferenças e semelhanças entre a escrita em meio virtual e a impressa. In: XVII CONGRESSO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA. João Pessoa, 2014.
- ROMAINE, S. *Language in Society. An introduction to Sociolinguistics*. New York: Oxford, 2000.
- ROMAINE, S. *Pidgin and Creole Language*. New York: Longman, 1988.
- SANTANA, A. L. *As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo*. 2012. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística). FFLCH-USP, São Paulo, 2018.
- SOUZA, E. S. O uso variável do imperativo de migrantes baianos em São Paulo. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 13, pp. 1433-1464, 2019.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

TARALLO, F. “Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém-mar e d’além-mar ao final do século XIX. *In*: ROBERTS, I; KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICES

APÊNDICE I: ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

1. Há quanto tempo mora em Bauru? Com qual idade veio?
2. Gosta daqui?
3. O que o/a surpreendeu no modo de viver do bauruense?
4. E no do paulista?
5. O que teve de mudar em sua vida ao chegar aqui?
6. Como se sentiu ao chegar aqui? E agora, como se sente em morar nesta cidade?
7. Considera uma cidade boa para morar?
8. E o estado?
9. O que há de diferente na comida daqui?
10. O que há de diferente na roupa?
11. O que há de diferente na forma de falar?
12. O que mais gosta do modo de falar de um bauruense?
13. E o que menos gosta?
14. Bauruense tem sotaque?
15. E você? Também tem?
16. O modo de falar daqui é agradável?
17. E esse modo de falar parece correto?
18. Dê exemplos de palavras que se utiliza aqui e que não se utiliza em sua cidade de origem.
19. Os bauruenses reconhecem seu sotaque/dialeto como sendo de outra parte do País?
20. O brasileiro fala o português errado?
21. O que é falar correto, então?
22. Pretende ficar em Bauru?
23. Antes de sua chegada à cidade, morou em alguma outra? Por quanto tempo?

APÊNDICE II: FICHA SOCIAL DO ENTREVISTADO

Nome Completo	
Endereço Bauru, SP	
Sexo () M () F	Data de Nascimento
Idade	Escolaridade E. Fund. () E. Médio () E. Sup. ()
Local de nascimento	Profissão
Estado Civil	Com que idade chegou?
A quais programas de televisão você assiste?	
Quais programas de rádio você ouve?	
Você vai à missa? Ao culto?	
Mais alguém de seu núcleo familiar é baiano(a)?	
Com que frequência se falam?	
Pratica alguma atividade física? Qual? Onde?	

APÊNDICE III: LEITURA DE UM PEQUENO TEXTO

Crônicas da Minha Rua (Laércio)

Rua dos meus sonhos, rua onde nasci e passei os melhores anos de minha vida, cheia de heróis anônimos, tipos singulares e locais de muita história, você começava ali na viradinha dos Calangas e ia terminar na ponte do rio dos Curtumes. Passava pelo 20 de Setembro, um clube que teve seu apogeu nas décadas de 30 a 50, como clube de dança que recebia toda a sociedade da minha rua e também, das imediações. Eu ainda cheguei a assistir ali várias peças de teatro, apresentadas por um excelente elenco de teatro amador da Vila Industrial.

A minha rua continuava descendo e passava rente ao palacete dos Andreotis, uma das casas mais bonitas da cidade, na época. Mais um pouco, do lado esquerdo, o famoso “Arranca-calos” ou “Pinga-fogo”, como era conhecido aquele bar. Todas as manhãs eu ia para a escola e pegava um pedaço de gelo que ficava na porta do bar, pois a Cervejaria Colúmbia deixava ali duas barras para abastecer a grande geladeira, que também era fornecida pela Cervejaria.

Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/825051>

Acesso em: 10/04/2018

APÊNDICE IV: LISTA DE PALAVRAS

CORPO	PORQUE	ELEVADOR
CORDA	CARTA	VERDE
VERMELHO	AMOR	MÓRBIDO
DIURNO	MARCO	MORTE
NOTURNO	ESTICAR	SECAR
SONHAR		

ANEXOS**ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

(Res. CONEP 466/2012)

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “DIALETOS EM CONTATO: ACOMODAÇÃO DIALETAL POR MIGRANTES BAIANOS HABITANTES DA CIDADE DE BAURU, SÃO PAULO”. Nesta pesquisa, objetiva-se identificar os fatores sociais que influenciam/influenciaram a mudança ou permanência de certas características do falar dos migrantes baianos que moram na cidade de Bauru (SP). O motivo que nos leva a estudar esse tema surgiu da necessidade de aprofundar os estudos linguísticos que tocam a variação linguística do migrante baiano na cidade. Para esta pesquisa, adotaremos os seguintes procedimentos: perguntas sobre a identificação do participante, como há quanto tempo mora na cidade, com que idade chegou a Bauru, sexo, de qual região da Bahia veio; leitura de lista de palavras; leitura de um pequeno texto; perguntas e respostas sobre como é viver em Bauru. Os riscos como exposição e constrangimento são mínimos aos participantes e os benefícios os suplantam, pois o informante poderá ajudar para fortalecer os estudos linguísticos da região. A participação neste estudo não terá custo algum, porém tampouco oferecerá qualquer vantagem financeira. Caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. Os resultados da pesquisa estarão à disposição quando finalizada. O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar dessa pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar e recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido. Declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bauru, _____ de _____ de _____.

Assinatura participante

Data: ____/____/____

Assinatura pesquisador

Data: ____/____/____

PROJETO DE PESQUISA Dialetos em contato: acomodação dialetal por migrantes baianos habitantes da cidade de Bauru, São Paulo.

ALUNO PESQUISADOR Marcelo Augusto Junqueira de Oliveira

PESQUISADOR-ORIENTADOR Rosane de Andrade Berlinck

CONTATO e-mail celoajo.mj@gmail.com / tel.: (14) 996.658.111

Endereço R. Rafael Pereira Martini, 10-51, Bauru-SP.